



AD 2016  
FRATRES 2017

Revista do  
SUPREMO  
CONSELHO  
PARA PORTUGAL  
DO R.E.A.A.

## NOTA EDITORIAL

Após um intervalo demasiado longo, apresenta-se um novo número da *AD FRATRES*, correspondendo aos anos de 2016 e 2017. Várias foram as dificuldades que justificaram esta ausência que desejamos excepcional.

Importa agradecer a todos os autores que contribuíram com a sua reflexão e os seus trabalhos para a presente edição. Especial agradecimento merecem, no entanto, Isabel Maria Corker pelo empenho que colocou na realização gráfica desta edição e Larysa Kalinchenko pela sua disponibilidade para apresentarmos alguns dos seus últimos trabalhos, que tanto contribuem para a sua beleza.

Salientamos que se mantém a linha editorial que tem presidido a todos os números da *AD FRATRES* já editados:

✘ A publicação da *AD FRATRES* é promovida pelo Supremo Conselho para Portugal do

33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, instituição da Maçonaria Regular, com particular relacionamento com a Grande Loja Legal de Portugal/GLRP;

✘ O seu público alvo é composto por todos os maçons e por todas as pessoas que, de alguma forma, se interessam pela Ordem Maçónica e pelos temas de que se ocupa;

✘ Não é um órgão oficial do Supremo Conselho, sendo cada um dos textos da responsabilidade dos respectivos autores, cabendo ao signatário, por incumbência do Supremo Conselho, a sua escolha e edição.

Os contactos com a *AD FRATRES* devem ser feitos por e-mail para:

[secretaria\\_geral@scg33.pt](mailto:secretaria_geral@scg33.pt)

A. VICENTE, 33º

# ÍNDICE

<b>AD FRATRES</b> POR AGOSTINHO GARCIA, 33º SOBERANO GRANDE COMENDADOR	2	<b>O HOMEM E O PLANETA TERRA</b> POR JOÃO DE OLIVEIRA SILVA, 33º	36
<b>LARYSA KALINICHENKO E “CORES DA VIDA”</b> POR URBANO DA CRUZ	9	<b>JUSTIÇA FISCAL</b> POR PAULO JOSÉ ROCHA	44
<b>A ILUMINAÇÃO NÃO É MAIS DO QUE A REFLEXÃO DA LUZ</b> POR ARMINDO AZEVEDO, 28	11	<b>QUE LUGAR É ESTE</b> POR LUÍS MACARA	48
<b>O HOMEM VERSUS O TRANS-HUMANISMO</b> POR FRANCISCO PÓLVORA	15	<b>SILÊNCIO</b> POR PEDRO TAVARES, 9º	51
<b>RELATIVISMO</b> POR RUI BRANCO, 20º	21	<b>UM DIA N’A HORA DO DIABO</b> POR NUNO SANTOS SILVA, 33º	54
<b>TERRORISMO ISLÂMICO UMA FATALIDADE INEVITÁVEL?</b> POR NORBERTO BERNARDES, 20º	26	<b>LEITURAS</b>	57

Aproximando-se o fim do meu mandato, a presente intervenção na nossa revista é a última que vos deixo na qualidade de SGC.

A década em que me deram a honra de vos servir foi envolvida num manto de paz e harmonia que todos nós construimos e que se tornou imagem marcante na nossa Ordem.

Norteados por princípios por todos comungados, constituímos-nos como uma sociedade de homens de bem, de mentes significativamente abertas, que colocam os interesses da Humanidade, da Pátria, da Família e da Ordem acima de qualquer interesse pessoal. São estas as bases necessárias numa Obediência que associa a Moral e a Espiritualidade de homens que partilham, para além de um amor fraterno, os seus conhecimentos e as suas competências, tendo como objetivo, longe das ambições que caracterizam o mundo profano, buscarem o melhorar de si próprios e dos outros, enquanto seres sociais e cidadãos.

Fazemo-lo evocando a proteção do Grande Arquiteto do Universo a quem dedicamos os nossos trabalhos deixando, contudo, aos ministros das religiões, que cada um de nós professa, o iluminar do caminho das nossas almas.

Sustentamos a busca espiritual na demanda da nossa própria autenticidade, objetivo último de realização pessoal, conscientes de que tal não reside na vanglória de um desempenho individual, mas sim na construção de cada um de nós como uma parte do plano divino da Criação.

Servimos a Sua Obra como imperativo na busca da Verdade, cientes de que a Fé e a Ciência se situam em níveis diferentes do Conhecimento Humano, perdurando sempre sobre a última, a

## AD FRATRES

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º  
SOBERANO GRANDE COMENDADOR

impossibilidade de conhecer diretamente as evidências em que se baseia a primeira.

“Deus é a fonte suprema e a luz soberana onde residem todos os modelos da realidade”

O conhecimento, as ideias oportunas e a tenacidade na sua defesa impulsionam os homens e abrem a porta à felicidade, à cultura e ao progresso dos povos, combatendo aqueles que petrificam deliberadamente a sua ignorância e indiferença pelo bem-estar social e pela modernidade, instalando a recusa pelo novo.

Em tempos de escuridão, apesar de forte oposição, houve sempre aqueles que lutaram por trazer a Luz e o progresso aos seus semelhantes, sendo que, entre eles, estão certamente muitos Maçons Escoceses.

Podeis estar certos que uma nova ordem despontará, pois nenhuma fortaleza erigida por poucos poderá resistir ao desespero de tantos. Urge pensar novos caminhos, não sendo de todo desejável que tal como aconteceu com Voltaire, Rousseau e Diderot, fiquemos fora dessa mudança e, muito menos, venhamos a permitir que ela se afogue em repressão e em sangue.

Na nossa Ordem nasceram no passado concepções basilares da sociedade atual a qual, ao adotá-las, criou instituições e mecanismos para a sua sustentabilidade. Impõe-se assim que, sem deixar de dar a imprescindível continuidade a reflexões de carácter filosófico e a ações de carácter filantrópico, dediquemos, tal como outrora, tempo a refletir sobre o modo de melhorar a vida do Homem contribuindo com a sua divulgação para esclarecer as decisões profanas que a isso conduzirão.

Relembro o que vos disse ao tomar posse:

Passividade, conformismo, inércia e alheamento obscurecem a capacidade de participar ou mesmo de desenvolver uma nova cultura do Homem, da Sociedade e da Vida.

Dez anos transcorridos, deixo-vos o julgamento de uma obra que ficou aquém das ambições. No entanto, o Amor que liga, estou certo, todos os Obreiros desta Obediência permitiu Trabalho profícuo ao qual a Tolerância e o Respeito mútuos sempre presidiaram.

Deixo assim aos vindouros o desafio da sua concretização.

Podeis estar certos que permanecerei sempre a vosso lado, tanto quanto a força e a longevidade que o GADU me venha a permitir, imbuído do espírito de dar o meu melhor a esta Ordem e aos homens que a constituem, com o mesmo Amor que lhes dedico há já mais de quatro décadas.

*“Uma verdade, uma fé, uma geração de homens, passam, são esquecidas, já não contam.*

*Exceto para aqueles poucos, talvez, que acreditaram nessa verdade, professaram essa fé ou amaram esses homens.”*

JOSEPH CONRAD, JUVENTUDE



por LARYSA KALINICHENKO

DUAS METADES EM UMA VIDA

Larysa Kalinichenko

Assinatura de Larysa Kalinichenko



por LARYSA KALINICHENKO

SALVAÇÃO



# LARYSA KALINICHENKO E “CORES DA VIDA”

POR URBANO DA CRUZ

Falar sobre sua obra é como falar para além do arco-íris, sim para além desse fenómeno óptico e meteorológico que nos encanta a todos. A sua obra é atravessada por diversas camadas, criando uma complexa rede de leituras, numa reflexão onde acontecimentos revelantes e ideias distintas se cruzam com a intimidade de se unirem num uno, mas com uma significância mutável, dependendo de quem as vê e sente ou como as vê e apercebe-se o que está implícito em cada uma delas.

Ela construiu e constrói a sua imagem investigando memórias e transformando realidades, faz tudo para alcançar uma verdade (ou verdades) sua que deseja venha a ser universalmente reconhecida como outra(s) verdade(s).

O estilo de Larysa pode-se considerar “nova figuração simbólica”, porque ela se apropria de formas, figuras, signos e transforma-os ou usa-os como seus, dando sempre um cunho pessoal, representado em figuras reconhecíveis e adotando muitas vezes uma complexa estrutura narrativa e um desenho denso que transmite o imaginário pessoal, que procura a liberdade em pintar o que sente, voando entre as cores e deixando-se levar por vezes para além da razoabilidade, nas suas “CORES DA VIDA”. Larysa utiliza na sua obra vários símbolos como: o círculo - sendo ele associado ao ponto e ambos podem ser considerados como sinais supremos de perfeição, união e plenitude que representam eternidade e divindade pois não tem princípio nem fim, tam-

bém representa o Universo, o Cosmo, a Totalidade, etc. o triângulo - Havendo vários tipos de triângulos e cada um com os seus significados, o triângulo abrange uma gama de significados, mas o seu sentido mais amplo significa a trindade divina que é: harmonia, perfeição e sabedoria. Também pode ser início, meio e fim, corpo, alma e espírito, bem como desenvolvimento e amadurecimento espiritual, assim como equilíbrio, etc. o retângulo - Indica solidez, estabilidade e fortaleza, bem como crescimento e sustentação, etc. o quadrado - equilíbrio na forma, materialização. Simboliza também pausa e cessação, refletindo estabilidade e perfeição, etc. Falo nestes símbolos geométricos especificamente porque para a maioria das pessoas (são os mais comuns) são simplesmente aquilo que se vê, a sua forma ou configuração e nada mais, não sabem que nessa forma ou configuração há também muitos conteúdos ou significados assim como noutros como o pentágono, hexágono, estrela de seis pontas ou de David, espiral, pirâmide, esquadro, compasso, escada, mosaico, etc. Existem, na verdade, uma infinidade de símbolos gráficos, sonoros, gestuais, oníricos, que variam de acordo com aquilo que representam. A simbologia trata de temas tão amplos e complexos, que a ciência a estuda profundamente, em todas as suas especificidades, assim como muitos do comum dos homens.

Larysa utiliza a simbologia que lhe é querida, como uma forma de expressão plástica, numa subtileza e sensibilidade que é só dela.

É uma obra que vale a pena ser vista, observada e apreciada com a atenção que ela merece.



por LARYSA KALINICHENKO

UNIVERSO SENTIDO

# A ILUMINAÇÃO NÃO É MAIS DO QUE A REFLEXÃO DA LUZ

POR ARMINDO AZEVEDO, 28º

A luz é a essência e a escuridão a sua ausência ou ocultação. É a dialéctica entre o que é e o seu contrário, mas não na dicotomia entre ser e não ser, porque ausência não significa inexistir. A luz e a escuridão são uma e a mesma coisa, mas nunca se sobrepõem. Quando uma aparece – a outra furta-se, embora materialmente não subsistam uma sem a outra.

Todavia, a ausência de iluminação num dado instante pode ser apenas fruto de turbulência na reflexão da luz: aquilo que não se deixa ver parece não existir. Pode algo, então, produzir luz sem que tal represente existência?

A verdade é que só pode haver iluminação no seio da escuridão e que apenas se torna breu quando rareia a claridade. Então, luz e escuridão são gémeas inseparáveis, uma vez que os contrastes dimensionam a existência mútua.

De onde provém, afinal, a luz que cruza os céus escuros do universo? Sabemos que ela se cria a partir das incessantes explosões cósmicas nucleares que ocorrem na matéria das estrelas ou sóis que enxameiam o espaço sideral e que, conforme os casos, duram milhares ou milhões de anos. Faz-se assim a luz que se transforma em iluminação quando, projectada, obtém a reflexão a partir dos

mundos que visita. No seu percurso carrega, também, o calor que aquece os planetas, as luas, os cometas ou os asteróides que vai encontrando.

Verdadeiramente, como surgiu e porque surgiu o primeiro foco de luz? Responder a estas questões pela lógica não será ainda possível, apesar das projecções, dos estudos, das análises, das investigações e das formulações religiosas, científicas ou filosóficas. O que podemos constatar, porque comungamos do propósito que nos congrega nesta fraternidade, é que a luz é o cerne da transcendência, é a coroa da ascensão da vida e a aclamação da criação divina. Essa é a luz crua que sabemos fazer sucumbir as trevas.

Viver na luz, para nós, é a única vida verdadeira e fora dessa abrangência, vegetamos. Sem luz, carregamos o corpo pesadamente, sofremos de todas as doenças, insuficiências e incapacidades. Escravizamos-nos pela imensidão de necessidades, sentimos frio, fome e sede, padecemos de ansiedade e de depressão, movemo-nos cegos pelas expectativas fátuas, ambicionamos vazios e pelejamos por absurdos, vivemos o dia-a-dia como um aparelho digestivo e, por fim, matamo-nos por ninharias.

A plenitude está, pois, na resplandecência da luz divina que cega

para obtermos a visão que nos indica o porquê e o para quê de estarmos vivos. A luz é a eternidade que vem desde sempre e nos tem de levar para diante, irremediavelmente. É a luz que nos transfigura quando ilumina a alma e nos corporiza como detentores do absoluto Criador.

Procurar a luz é procurar Deus e isso não se faz caminhando com lanternas, fazendo exercícios, meditações ou obras para o ego de cada um. Procurar Deus é viver na Verdade, na Crença e na Esperança. É busca-lo em nós e encontrá-lo nos outros. É comportarmo-nos com rectidão num desiderato de sincera e convicta consciência, não para O ter como exclusivo ou para obter Dele uma pontuação ou valoração.

Compreender que tudo ocorre num só momento e a todo o instante, sem espaço ou tempo, basta para nos sabermos ocupantes de um devir que é feito deste presente antecipado em que nos encontramos. Viver na luz que tudo trespassa e a tudo dá existência, é tocar Deus e dele nos impregnarmos de imediato. É reconhecerno-nos na infável filiação divina e sermos, assim, detentores de todas as forças.

A luz é, portanto, o Deus Criador e ele é substantivamente atemporal. Por isso, não há e nem houve um “antes” ou um “depois” excluído dele. O mundo existe desde que Deus, a partir dele e

por ele, o criou. A um dado instante, o Universo surgiu quando se fez luz e porque Deus a fez sem apreciações ou planos. Na luz, o tempo e o espaço passaram então a vigorar, mas apenas enquanto percursos da nossa morfologia. Antes era Deus e ele era tudo. Depois, é Ele mais a sua Criação.

O Criador não se explica e a sua Criação também não. Está fora do tempo e do espaço, de qualquer tempo e de qualquer espaço e nada o pode situar antes ou para além dele mesmo, pois foi ele quem tudo criou, num só acto, sem princípio e fim.

A Criação universal surgida de um instante é, todavia, um contínuo de sucedâneos provindos do definitivo e único propósito divino. Mas plural e múltiplice na infindável produção que Deus gera de si, incessantemente, provocando alterações e mudanças no infinito universal que é a tradução materializada da sua Criação. O Grande Arquitecto do Universo criou o Universo com Justiça e Perfeição, porque só Ele é Justo e Perfeito.

Deste modo, o Universo é este e não outro, não por um acto arbitrário ou selectivo, uma vez que ele não escolheu o mundo dentre vários e nem fez opções entre melhor ou pior. Decidiu de forma singular e absoluta.

Tudo está, então, continuamente determinado. Tudo está previsto,

dado que o G.:A.: D.: U.: tudo sabe porque tudo fez e nele nada se altera. O que pode mudar (e muda) são as decorrências da Criação, mas no âmbito do que está fixado. Não de forma aleatória, mas porque verificadas as condições consagradas nas leis do universo que produzem sempre os mesmos efeitos, devidamente ajustados.

O livre arbítrio existe, mas as decisões e os julgamentos, as opções e as intenções, os actos ou obras, são-no no cumprimento do que as leis universais preconizam que seja. Estando tudo previsto, pode-se percorrer qualquer caminho em liberdade, mas qualquer traçado está já preconizado como possível. Por outras palavras, qualquer caminho que se trilhe será sempre sobre um chão que é o próprio Deus.

O mundo está, assim, aparentemente organizado em leis para que tudo corresponda ao que se necessita, mas nós temos na nossa vida de aprender a dominar os Vícios e Paixões. Nós temos para que a luz se concretize em nós, de procurar combater a Intolerância e a Opressão.

Clamamos por luz porque precisamos dela, pois a escuridão é como o medo ou o mal que existem porque os criamos, os aceitamos ou a eles condescendemos.

Quando alguém não tem luz ou não está na luz porque a não quer, a não entende, a não procura e não se esforça por a encontrar, porque não lhe vê utilidade ou porque não consegue sair da penumbra em que se aprisiona, deve compenetrar-se de que apenas precisa de a desejar, pois se a quiser firmemente, então é a própria luz que até ele virá e num ápice existirá no seio da poderosa iluminação e tal como a receberá, também a passará a emitir.

Aqui, na magnificência da maçonaria filosófica, encontramos a luz que precisamos, mas dependerá de cada um construir o tamanho da luz que transporta. A luz não é nossa pertença pois apenas a reflectimos.

*As palavras que não dão luz aumentam a escuridão.*

MADRE TERESA DE CALCUTÁ

*Quem acende uma luz é o primeiro a beneficiar da claridade.*

GILBERT CHESTERTON



FOR LARYSA KALINICHENKO

LUZ

# O HOMEM VERSUS O TRANS-HUMANISMO

POR FRANCISCO PÓLVORA

A complexidade deste tema obriga-me a abordá-lo de forma muito sintética. Foi meu propósito, dada a sua excepcional importância, inclui-lo nos trabalhos da nossa Venerável Loja, de acordo com um dos seus pilares de tudo reflectir para uma maior clareza do nosso espírito maçónico e maior empenho na procura da Verdade.

Numa primeira parte descreverei muito na generalidade os aspectos mais significativos do Transhumanismo para depois abordar as suas consequências na sociedade humana actual e em conclusão esboçar o que poderá ser uma das muitas respostas possíveis e desejáveis a este imparável desafio.

Em termos clássicos podemos dizer que a Medicina sempre se ocupou com a finalidade de curar ou prevenir o que não era concordante ou adequado com o bem-estar e com a saúde física e psíquica da pessoa. A sua finalidade de curar ou prevenir a doença, de reparar na medida do possível as suas consequências bem como as sequelas de traumas físicos ou mentais, de prevenir todo o tipo de males que nos possam afectar, foi sempre feita recorrendo às melhores soluções, científicas ou não, existentes na época considerada. Não está por tal em causa, na

nossa época, o permanente e desejável recurso a tudo o que a evolução científica nos pode proporcionar para se alcançarem todos esses objectivos.

Luc Ferry, numa sua recente e magnífica obra, (La Revolution Transhumaniste) exemplifica muito bem esta postura que diria clássica, com a retinite pigmentar, doença genética degenerativa que conduz inevitavelmente à cegueira. Graças a investigação oriunda da Alemanha, pode recorrer - se a um chip electrónico que se implanta atrás da retina, possibilitando-lhe retomar o contacto com o nervo óptico e evitando assim a cegueira. Os exemplos serão felizmente muitos mas sempre na perspectiva de o ser humano recuperar no seu todo ou em parte, aquilo que perdera. Melhorando. Mantendo-se como é numa perspectiva que se dirá ser a natural e que percebemos e apelidamos de humana. Seremos mais ou menos completos, mas continuando a ser humanos.

O Transhumanismo tem porem um objectivo muito diferente. Com o recurso aos NBIC ou seja às nanotecnologias, biotecnologias, à informática (big data e internet dos objectos) e ao cognitivismo (inteligências artificiais e robótica), visa - se “aumentar” as características do ser humano. Evolui-se do “melhorar” para o “aumentar”. Ultrapassa-se aquilo que antes se considerou ser de origem natural no homem. É um perfeccionismo sem fim...

Os progressos das variadas investigações que sucessivamente se encadeiam de forma imparável e com um ritmo estonteante, levam porém a concepções do Homem que Luc Ferry, e bem, apelida de revolucionárias. A Universidade da Singularidade da Google em

Silicon Valley, com recursos financeiros abundantes, é um exemplo do que se está a fazer para que a origem e as qualidades dos seres humanos sejam diferentes por passarem a ser aumentadas e para lá do que se possa considerar natural. A origem do homem deixa de ser por “acaso” (se os pais se encontrarem sexualmente noutro dia qualquer, o ser concebido será então diferente porque o óvulo e o espermatozoide diferentes serão, pelo que se tem que dizer que o filho assim gerado o é por acaso na imensidade de hipóteses celulares. No presente, o sexo e as características somáticas e psíquicas do ser concebido desta forma, inclusive a inteligência, não são controláveis ou escolhidas pelos pais. As eventuais doenças genéticas, apesar de indesejadas e algumas evitadas, só poderão ser diagnosticadas ao longo da gestação. Mas note-se que isso se tem vindo a fazer cada vez mais cedo e com melhores resultados dado o recurso à ciência e mantendo sempre o que chamaríamos uma evolução natural.

A perspectiva transhumanista é outra: pretende-se atingir o “From chance to choice” ou seja, possibilitar aos progenitores a escolha das características do filho, desde os aspectos físicos como a altura, a cor dos olhos, a capacidade muscular, etc, e qualidades psíquicas como o nível da inteligência. O acaso do que o novo ser poderá ser converte-se assim na livre escolha de como será.

Uma primeira questão deve ser levantada. A aceitação de como somos física ou psicologicamente, é um tema universal que sempre terá existido e compete cada um de nós (se essa questão for levantada) encontrar uma resposta se se aceita ou não como é. Causas? Só parcialmente poderão ser imputáveis aos pais, o

que não acontecerá se tiverem sido estes a decidir na quase totalidade, a escolha dos aspectos essenciais do novo ser. Como será a relação progenitores / filho se assim acontecer? Outras questões aliás se devem encarar como a concepção in vitro do novo ser a partir de dois óvulos e um espermatozoide (o segundo óvulo permitirá um apuramento mitocondrial nos cromossomas) ou até de três óvulos sem nenhum espermatozoide (suprimindo de todo o papel do pai). André Comte-Sponville na sua obra “La vie humaine,” diz que antes de qualquer ser humano há sempre uma mulher, a mãe, e um pai, biologicamente necessário, mas humanamente supérfluo (consideradas as diferentes formas com que diferentes sociedades actuais assumem a nossa origem), outra questão essencial que assim será posta em causa.

Mas o eugenismo transhumanista vai mais além. Visa também a hibridação homem/máquina. A conjugação das nanotecnologias, biotecnologias, informática, inteligência artificial e a robótica, poderá, em decénios, construir ou reparar, a nível molecular, todos os tecidos do organismo vivo. Implantados no corpo humano, milhões de nanorobots, programáveis, poderão destruir vírus ou eliminar células cancerosas. Se isso tem a feição, digamos clássica, de melhorar a saúde do homem, provoca porém uma outra diferença, uma mutação (portanto mais do que uma mudança) naquilo que é a essência do ser humano: se a implantação ligar o homem ao computador e este estiver conectado com a internet, como se prevê, existirão aumentos exponenciais da informação, das capacidades cognitivas e do estímulo da criatividade. Como será o carácter deste ser? Como irão estes infundáveis algoritmos implantados neste ser conjugar-se com



a riqueza afectiva tão complexa que caracteriza o ser humano? Bastar-se-á este aumento inimaginável mas mecânico, para que o ser assim constituído possua um modo de agir como o humano? Poderá integrar-se nas sociedades actuais? A riqueza mental do homem coexistiu sempre nele como ser essencialmente social. No nosso cérebro, a harmonia do cognitivo e do afectivo permite ao homem pensar criticamente e por tal optar e poder ser livre. O homem não é só ideia, raciocínio, não é só cognição. É também afecto, pleno de sentimentos e de emoção. É consciência de si. Não existe só o objectivo científico, racional, há também o desejo (afectividade) de conseguir atingi-lo, há também o maior ou menor investimento (afectividade) nesse trabalho racional da investigação. E se for possível criar um algoritmo, uma inteligência artificial que crie emoções (os restantes afectos serão de criação mais utópica), conseguirá ser compatível com a recusa desse ser de o usar, tendo - o? Porque é humano optar – se livremente por aquilo que não é melhor ou pelo que não está certo : esta interferência da afectividade no racional é essencial para exista liberdade. Pode não ser desejável mas é necessária se o homem for, de facto, livre. Para Augusto Comte, na sua obra “ Cathecisme Positiviste ” , na ordem vital, “ cada função, vegetal ou animal, é declarada livre se ela se comporta conformemente às leis correspondentes, sem nenhum impedimento exterior ou interior.” O novo ser transhumanista não consegue ser assim, preso nos seus algoritmos irreduzíveis.

A problemática da morte sempre preocupou os seres humanos. A Epopeia de Gilgamesh, há dezoito séculos antes da nossa era já apresentava o ideal da “vida sem fim” numa configuração mitológica.

A vitória sobre o envelhecimento, a morte da morte, é também um objetivo transhumanista, que assim traz para o âmbito da ciência , o desejo mitológico da imortalidade.

Cabe aqui falar da inteligência Artificial (IA).

A IA fraca, já existente, mima a inteligência humana mas só de forma incompleta, mecânica, sem afectividade. A IA forte, ainda utópica, terá a capacidade de, como o ser humano, ter dois elementos exclusivos do homem: a consciência de si mesmo e as emoções. Afectividade parcial. E o inconsciente? Haverá textura e harmonia mental sem um inconsciente mais do que um conjunto de mera informação do passado? Porém o computador com IA forte terá a capacidade de se auto-reparar e será por isso mais um recurso dos NBIC no caminho para a imortalidade.

Como antes já aludi, o computador com IA forte, conectado com a internet, poderá ser conectado com um ser humano. Que consequências sociais advirão do convívio do ser humano diga-se “natural, clássico” com o novo ser mutante e híbrido? E se o computador tem a inteligência “forte”, ou seja, pode auto-reparar-se, não tentará vencer o finito? Vencer a morte, vencer o finito...As questões que aqui poderão ser levantadas são muitas mais, inclusive na sua relação com as profundas mudanças na economia (refiro-me à economia colaborativa, uberizada, que também já está aí) mas que não se posso agora abordar tal como outro tema essencial que só resumo na pergunta do será da poesia, da beleza, das artes? Da cultura, que poderá ser algorítmica e objectiva mas nunca subjectiva.



POR LARYSA KALINICHENKO

UNIVERSO MÁGICO I

Sempre que a ciência tem levantado a possibilidade de importantes mutações, sejam de natureza social, espirituais, éticas ou do relacionamento dos povos, a regulação, se possível universal, tem sido o recurso mais usado. Veja-se o que acontece com a regulação das armas nucleares ou com a eutanásia.

Será que neste caso isso pode resultar? Será que é possível regulamentar uma matéria tão complexa, expandida e variada? É evidente que se deve tentar, mesmo que se pense na complexidade das dificuldades que abarca e no caminho que já foi percorrido.

Foi este o motivo que me levou a propor esta prancha. Para incentivar uma reflexão muito necessária para se encararem estas mutações (e não mudanças), algumas já conseguidas e outras ainda utópicas que levam à criação do homem/robot.

Esperemos que os governos trabalhem tentativas o mais universais possível para harmonizar este caminho, que muitos consideram, e bem, como podendo ser fatal para a sociedade humana. Em 2004 a União Europeia emitiu um primeiro relatório oficial sobre esta matéria e em 2009 o segundo resultou do Parlamento Europeu. Personalidades de valor moderno indiscutível, como Bill Gates, Stephen Hawking, Elon Musk, Sandel, Frances Fukuyama, Luc Ferry e muitos mais alertam para os aspectos desconstrucionistas desta ideologia e até mesmo para o perigo que pode originar-se na confluência da sociedade humana com estes seres mutantes.

Acreditamos nos valores que ficarão sempre fora do alcance

dos algoritmos das inteligências artificiais. O homem difere minimamente do chimpanzé. A diferença, mínima que seja, é porém grande e essencial: não me refiro o facto de sermos o único mamífero que possui a oponência do polegar (o que tanto enriquece as habilidades da nossa mão) ou a outras características somáticas mas antes o de termos um espírito formatado verbalmente que consegue atingir um desenvolvimento psíquico essencial de natureza humana: o juízo crítico e uma consciência de si, mas livre. Um dos períodos históricos mais importantes para o homem, a revolução filosófica das Luzes, ao libertar a ciência da religião, continua a influenciar a livre opção do que o homem opta por ser. Desconstruiu para reconstruir e permanece como fonte de inesgotável estímulo do pensamento em liberdade.

As inteligências artificiais e o apoio informático poderão melhor fundamentar a mudança inevitável do ser humano. Evitar a aniquilação do ser humano deverá ser conseguido pela educação mais completa e actualizada das novas gerações.

Revolução da educação versus revolução transhumanista. Os meios que achamos revolucionários e possivelmente destruidores da homem, poderão, deverão ser usados por essas gerações no sentido de se assumirem mais fortes e essencialmente livres.

Como a História nos ensina.

Como nós tentamos ser.



POR LARYSA KALINICHENKO

UNIVERSO MÁGICO II

# RELATIVISMO

POR RUI BRANCO, 20º

Tudo terá começado pelas artes.

Durante mais de dois milénios o rigor quase científico e a beleza universal e intemporal da arte clássica de Roma e da antiga Grécia nos domínios do teatro, da pintura e da escultura, influenciaram a humanidade na procura da excelência e na elevação dos seus padrões artísticos e culturais.

No Renascimento, aprofundou-se o estudo destes ideais clássicos com verdadeiros génios como Rafael, da Vinci, Miguel Ângelo a deixarem para a posteridade exemplos eternos de obras de arte, plenas de equilíbrio, força e beleza.

Estas obras de beleza universais resultaram do muito estudo, dedicação e indiscutível talento dos artistas Clássicos e do Renascimento.

Começaram os primeiros sinais do relativismo com os impressionistas no séc. XIX, talvez influenciados pelo espírito boémio e ligeiramente depravado da Belle Époque, impondo à sociedade a deriva dos ideais do Neo-classicismo, para uma visão pessoal do autor que retratava mais o seu estado de espírito, do que um conceito compreensível da beleza.

No entanto, o talento e o rigor conceptual adoptados dos mé-

todos clássicos ainda apreendido pelos artistas da época, como Monet, Renoir ou Cézanne, permitiram ainda assim a criação de obras a todos os níveis excelentes.

Mas eis que surge a arte moderna e em especial a chamada Arte Conceptual.

Os modernistas, sobretudo na primeira metade do séc. XX, acreditavam que as formas tradicionais das artes reconhecidas estavam ultrapassadas, devendo criar-se uma nova visão do mundo.

Esta nova pseudo arte é marcada pelo efémero, transitório, pueril.

A ideia do “Belo” intemporal dá origem ao choque do controverso, a tudo o que uma nova elite cultural, com necessidade de afirmação, define como Beleza contra todas as regras do bom senso reconhecidas pela sociedade.

Como exemplo, cito o carrinho de mão das obras, completamente enferrujado, que o célebre artista plástico deve ter encontrado nalgum estaleiro a caminho do Porto e que expôs pomposamente no meio do principal salão de exposições de Serralves, para deleite de uma série de intelectuais embasbacados.

O indivíduo perde o seu sentido crítico, não mais lhe é permitido dizer que o carrinho de mão, além de muito malcuidado, é extremamente comum e feio, sem imediatamente ser acusado de atrasado, ignorante e outros mimos por parte da intelectualidade reinante.

Poderia dar outros exemplos internacionalmente mais conhecidos e significativos como o calhaus de 340 toneladas exatamente igual a milhões de outros calhaus, mas que está exposto no conhecido museu de arte moderna de Los Angeles, avaliado em 10 milhões de USD, pois foi carimbado como Arte pela intelectualidade.

Ou outra célebre obra de arte constituída por uma enorme tela exclusivamente pintada de branco, também avaliada em muitos milhões de Dólares.

Ou a célebre tela vomitada de Jackson Pollack , entre outros; ou a célebre instalação poética ou artística em que uma dezena de indivíduos nus inserem o dedo no ânus uns dos outros, fazem uma roda, qual ouroborus com falta de senso e bom gosto.

Esta descaracterização dos modelos de beleza aceites pela sociedade é acompanhada pelo controle de uma pseudo intelectualidade sobre os meios de comunicação e mais recentemente das redes sociais, num autêntico policiamento não só sobre o sentido estético de toda a sociedade, mas sobre tudo o que é por eles éveiculado.

Ao desmontar a expressão artística e os padrões de beleza universalmente aceites através deste relativismo artístico, esta nova pseudo intelectualidade pretende também impor um novo modelo social.

Modelo que não foi votado ou sequer objecto de qualquer consulta popular, mas é imposto de cima para baixo, por uma peque-

na, mas agressiva minoria elitista, que se afirma dona e polícia da verdade.

Este novo modelo social, inspirado nas teorias do relativismo, em que não existe belo ou feio, culturas boas ou más, em que tudo é relativo, evidencia-se na nossa sociedade através de vários exemplos:

O esforço pela imposição da plena igualdade entre os animais e os humanos, sendo, por exemplo, efusivamente celebrada, nas redes sociais, a morte de um forçado na arena pelos “animal lovers”, sobrepondo o seu amor cínico aos animais, ao respeito e dignidade da vida humana, expondo, de facto, através das suas palavras, o ódio que escondem aos elementos da sua própria espécie.

Com a plena igualdade entre os animais e os humanos, estarão os animais a ganhar direitos ou os homens a perdê-los ao serem equiparados aos animais?

Os animais de estimação são agora protegidos chegando, mesmo, a ter mais direitos que as crianças. Se há hotéis e restaurantes que proíbem a entrada de crianças, os animais já não poderão, por lei, ser impedidos de frequentar os espaços públicos.

A imposição de novos comportamentos sexuais entre as novas gerações, existindo turmas de ensino universitário em que a maioria dos elementos se afirmam homossexuais ou lésbicas, classificando os heterossexuais como retrógrados e atrasados. Em alguns casos, as reacções dos heterossexuais são considera-

das como homofobia, originando queixas às instâncias universitárias e às autoridades judiciais criando uma cultura de medo dentro das universidades.

A obsessão com a igualdade do género, em que mais do que a igualdade se pede a total negação do género, com a discussão de legislação anulando os artigos definidos da linguagem, das gramáticas e dos próprios símbolos das casas de banho, porque ofensivos para a panóplia de novos sexos entretanto criados como os transformistas, transexuais, bissexuais, homossexuais, assexuais etc..., etc..., etc...

A disseminação da pornografia e do sexo, como expressão puramente física, com a eliminação da ideia de amor enquanto base da família e fundação da sociedade ocidental.

Novos modelos de organização familiar com a destruição da ideia da família natural, do padrão pai, mãe, filhos.

O incentivo à mudança de sexo pela população juvenil como uma moda “cool”, sabendo que os jovens são influenciáveis e têm, ainda, a sua personalidade em formação, e impondo de forma criminosa a sua mutilação irreversível, acompanhada pela quebra dos laços familiares; propondo-se, com o incentivo legislativo, a penalização dos pais, caso estes não concordem e queiram proteger, como é seu direito e dever, os seus próprios filhos. Como em qualquer bom regime ditatorial, “os filhos que denunciem os pais serão recompensados.”

A urgência na autorização das barrigas de aluguer, onde mulhe-

res perdem o papel de mães e passam a simples úteros com pernas, elementos de produção fabril que podem ser utilizados por quem pode pagar os seus serviços e em que os homens passam a produtores de esperma, sem qualquer vínculo paternal com a descendência.

O advento da inteligência artificial com a promoção de novas personalidades jurídicas com direitos humanos e o surgimento de todos os problemas éticos relacionados com o trans-humanismo.

O ataque à liberdade religiosa e a censura ou desrespeito gratuito por qualquer demonstração pública de fé em Deus ou de comunidade religiosa.

A proibição, em muitos países, do imaginário natalício, substituído pelo insípido e estéril “feliz feriado” em vez do “Feliz Natal”, a eliminação dos símbolos religiosos como os cruxifixos nas salas de aula, ignorando a nossa matriz cristã.

O incentivar dos comportamentos antissociais e criminosos de indivíduos de etnias que não procuram qualquer forma de integração, mas que promovem ostensivamente a pedofilia, a violência, a anulação dos direitos das mulheres e a mutilação feminina.

O destruir ou desacreditar os elementos que representam a hierarquia social como a imagem do pai na família, do professor na escola, ou de qualquer figura policial que represente a autoridade.

A autoridade do estado e a sua própria sobrevivência são postas em causa com a emigração descontrolada, em que se privilegia a entrada e a não expulsão de indivíduos com cadastro criminal, sem qualquer preocupação com os seus antecedentes extremistas, ao mesmo tempo que, através de burocracias, se dificulta a entrada de outros emigrantes com língua e antecedentes históricos comuns que, pelo facto de terem algum poder económico, são discriminados.

Todos estes exemplos de relativismo moral, sexual e social são disseminados por uma minoria que controla boa parte da dita imprensa livre dos países ocidentais e exerce o seu controlo através das redes sociais de forma agressiva e virulenta.

Exerce o seu controlo e policiamento das opiniões através da censura pública da própria linguagem dos indivíduos, do politicamente correcto que define a orwelliana novilíngua.

Com o tempo, pela complacência e passividade das pessoas livres e de bons costumes, esta pseudoelite intelectualoide, tem vindo a ganhar influência e poder junto dos governos dos estados ocidentais, não pela sua legitimidade e representatividade democrática, mas pelo controle dos media e das redes sociais e pela imposição da sua agenda radical, pondo em causa, a muito curto prazo, a continuação dos modelos de tradição judaico-cristã que estão na génese da civilização ocidental.

Também a Maçonaria é relativista na sua génese.

A ideia do Grande Arquitecto do Universo onde o Maçon com-

preende e aceita a ideia do seu Deus, diferente do Deus do seu Irmão, não existindo uma definição comum que se sobreponha e seja aplicável a todos as crenças e religiões, implica o relativismo religioso.

A concepção e interpretação da verdade e a visão do mundo maçónico não resultam de uma imposição categórica e definitiva, mas do estudo pessoal e, portanto, subjetivo dos Irmãos, valorizando a experiência e o esforço individual de cada um dos seus membros.

No entanto, pela própria natureza da Maçonaria, este relativismo positivo serve a união de base, de todos os homens livres e de bons costumes, atenuando as paixões que possam criar divisões e conflitos entre eles.

Este relativismo saudável não impõe as suas crenças, opiniões e gostos duvidosos aos outros, antes privilegia, na sua ação moral, o mais importante de todos os conceitos: a Liberdade e independência do indivíduo.

Penso que, pelas características da nossa obediência, existe um imperativo moral de prestar toda a atenção e lutar, como temos feito ao longo dos últimos séculos, contra estes aparentemente novos ventos de vanguarda intelectual, mas que não são mais do que as velhas tentações totalitárias, respaldadas na cegueira da ignorância das camadas inferiores da sociedade, incitando à propagação dos vícios e à destruição da imagem divina da natureza humana, com o objetivo último de eliminar as liberdades e os direitos fundamentais do indivíduo.





FOR LARYSA KALINICHENKO

ALTERNATIVAS

# TERRORISMO ISLÂMICO UMA FATALIDADE INEVITÁVEL?

POR NORBERTO BERNARDES, 20º

As religiões proféticas como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, as místicas como o budismo e hinduísmo ou as de harmonia como o confucionismo e o tauismo pretendem responder às perguntas fundamentais da Humanidade: a origem do mundo, o destino da pessoa humana e o fundamento das normas éticas e da consciência moral.

Todas proporcionam interpretações do mundo, apresentam um caminho para o divino e de salvação após a morte.

Igualmente, moldam mentalidades e comportamentos, regendo-se todas por princípios éticos, onde amar o próximo, proteger a criança, não matar, respeitar a natureza são alicerces.

As religiões como conjunto de crenças, ritos e práticas, moldam comportamentos individuais e exercem na sociedade funções de integração e identificação, tendo sido a importância do religioso na política elemento preponderante na história das civilizações, ao longo do processo histórico.

A Religião liga-se à doutrina política pela sua ética comunitária e pretende igualmente dar respostas aos desafios da sociedade. Embora perfilhando uma ética de amor, de paz e de trabalho, a religião, quantas vezes não sancionou a intolerância e a violência, assim como contribuiu ou foi expressão de compreensão e solidariedade.

Todas as religiões contêm uma ética comum de Amor e Paz, onde há que procurar as linhas de união. A capacidade de diálogo é, em última análise, uma virtude de predisposição para a Paz. Onde quer que o diálogo tenha sido interrompido, eclodiram os conflitos. Onde quer que as conversações tenham falhado, instaurou-se a repressão e a lei do mais forte. E citemos teólogo cristão Hans Kung “Na medida em que uma religião serve a humanidade e em que, na sua doutrina dogmática e moral, nos seus ritos e instituições, promove os seres humanos na sua identidade, significação e valores humanos, permitindo-lhes uma vida frutuosa e cheia de sentido, nessa medida é uma religião verdadeira e boa”.

É neste contexto que faz sentido questionar o fundamento do terror islâmico que assola os países de acolhimento da diáspora daqueles que professam a religião islâmica e nomeadamente se o designado fenómeno do fundamentalismo/terrorismo Islâmico se apresenta como um fenómeno estrita ou predominantemente religioso.

Face à realidade conhecida, estamos perante uma ideologia social, um projecto para o indivíduo e para a sociedade, culminando com a tomada de poder .

Invariavelmente, os movimentos islâmicos de cariz fundamentalista, violento ou não, reivindicam a implantação do Estado Islâmico

segundo os princípios do Corão e que constituem duas obrigações: a obediência ao Profeta, ao chefe que tem a legitimidade do poder, e a obrigação do chefe de consultar aqueles que governa.

Questionemo-nos, então, ainda, sobre a eventualidade de a sociedade ocidental estar condenada a sofrer um síndrome de cerco e de suspeição dos seus vizinhos, tomando como referência a religião cristã.

Os cristãos, até ao séc. IV, recusaram tomar parte em acções violentas que pudessem provocar mortes. S. Maximiliano, mártir da igreja, morto em 295 devido a recusar prestar serviço militar, alegando ser cristão, é considerado o primeiro objector de consciência.

Quando o imperador romano Teodósio declarou o cristianismo como religião do Estado, mandando encerrar os templos da antiga religião, foi estabelecido um pacto entre a Religião e o Estado.

Pelo Édito de Tessalónica, também conhecido como Cunctos Populos ou De Fide Católica, decretado pelo imperador romano Teodósio I, em 27 de Fevereiro de 380 d.C., o cristianismo tornou-se a única religião oficial do Império Romano.

O Estado protegia a Igreja cristã tanto contra os dissidentes internos como contra as agressões externas e, em contrapartida, a Igreja sancionava os actos do Estado e o poder dos imperadores que eram por ela chamados de “cristianíssimos” e “iguais aos apóstolos”. A partir de então, passavam a estar no centro das suas orações, quando rezava “por todo o seu palácio e por todo o seu exército”, para que “Deus os ajude na guerra e abata a seus pés todo o inimigo e adversário”.

Com este pacto, enquanto a Igreja punha ao seu serviço o braço

secular para calar e exilar as vozes dissidentes no seu seio, o Estado passava a dispor de uma Religião como elemento preponderante de união e coesão.

Com Santo Agostinho (354 - 430), discípulo de Santo Ambrósio, é condenada toda a guerra de conquista, mas admitida a participação dos cristãos na defesa do império. Justificava a guerra contra-ofensiva, somente para restituição do injustamente roubado e como meio de ripostar à violência injusta, pois o princípio da caridade assim o impunha, sendo premissa da guerra justa que ela fosse ordenada pelo príncipe.

No entanto, a igreja cristã iria protagonizar dois crimes contra a humanidade: as Cruzadas e a Santa Inquisição.

Mas se a teoria da *guerra justa nasceu da necessidade de defender as fronteiras do império cristão*, pelo que foi necessário alterar a posição pacifista originária, já o objectivo político das cruzadas visando fundamentalmente levar a guerra ao santuário do Islão, impedir a sua expansão e favorecer a sua expulsão da Península Ibérica, é ofuscado pelo discurso do Papa Urbano II, que prega uma guerra santa. Exigindo a punição do Islão e afirmando serem os cristãos o povo eleito, usou o factor religioso como elemento de mobilização.

O apelo à 4ª cruzada pelo Papa Eugénio III, em 1145, ao reclamar a reconquista de Edessa “a cidade amada por Deus”<sup>1</sup>, utiliza, mais uma vez, o factor religião.

Reportando-nos à expansão portuguesa, a conquista de Ceuta no Norte de África com D. João I e a malograda expedição a Tânger

<sup>1</sup> Luís Filipe Thomaz, “Cruzada e Anti-Cruzada” in *Communio Revista Internacional Católica*, pag. 519.

de D. Duarte, cujo objectivo era limitar a pirataria nas costas portuguesas, é precedida de pareceres da Igreja. Justificando, por herança visigótica, a pertença cristã dessas terras, afirmam os pareceres na senda de Santo Agostinho, a natureza justa da guerra, pois seria legítimo recuperar o que já fora nosso. Acrescenta ainda a Igreja que os povos do Norte de África eram idólatras e pecavam contra a Natureza, o que reforçava a natureza justa da guerra. As Bulas de Cruzada que, no caso de Portugal, se mantiveram até 1848 e que atingiam importantes somas, aplicavam-se na conservação e defesa das praças de África, na guerra contra os infiéis no Oriente e na missão de conquista.

A Inquisição integrou o sistema jurídico da Igreja Católica Romana com o objectivo de combater a heresia, sendo o seu braço a Ordem Dominicana. Começou em França, no século XII, para combater a propagação do sectarismo religioso com destaque para os cátaros e os valdenses, aos quais se seguiam, entre outros, os fraticelli, os hussitas (seguidores de Jan Hus), as beguinas, as feiticeiras, os judeus, os mouriscos, os protestantes e os maçons.

García Cárcel estima que o número total de pessoas julgadas pelos tribunais inquisitoriais ao longo da sua história foi de aproximadamente 150 mil, três mil dos quais foram assassinadas, ou seja cerca de dois por cento do número de pessoas que foram a julgamento.

Em Portugal as perseguições duraram 285<sup>2</sup> anos tendo terminado

2 A Inquisição foi inicialmente introduzida em Portugal, a pedido de D. João III, em 17 de Dezembro de 1532, pela bula Cum ad nihil magis do papa Clemente VII, na qual nomeava inquisidor D. Fr. Diogo da Silva. Face às reclamações dos Cristãos Novos, objecto preferencial da perseguição do Santo Ofício, esta bula seria revogada em 7 de Abril de 1533, pela Sempiterno Regi. Não desistiu, D. João III que voltou a reclamar da Santa Sé a instituição deste tribunal no reino de Portugal. Viria a ser atendido pelo papa Júlio III, em 23 de Maio de 1536, com a bula Cum ad nihil magis que, definitivamente, instituiu a Inquisição em Portugal.

em 1821 com a vitória da revolução liberal. Entre 1536 e 1821 terão sido condenados 19247 homens, mulheres, crianças e velhos sendo 1379 queimadas vivas, para além dos milhares que morreram na prisão quer por efeito das torturas quer das miseráveis condições de vida enquanto aguardavam julgamento.

Segundo Michael Baigent e Richard Leigh<sup>3</sup>, “ao chegar a uma localidade, os Inquisidores proclamavam que todos seriam obrigados a assistir a uma missa especial, e ali ouvir o “édito” da Inquisição lido em público. No fim do sermão, o Inquisidor erguia um crucifixo e exigia-se que os presentes erguessem a mão direita e repetissem um juramento de apoio à Inquisição e seus servos. Após este procedimento lia-se o “édito”, que condenava várias heresias, além do Islão e o judaísmo, e mandavam que se apresentassem os culpados de “contaminação”. Se confessassem dentro de um “período de graça” poderiam ser aceites de volta à igreja sem penitência, porém teriam que denunciar outras pessoas culpadas que se não tivessem apresentado. Não bastava denunciar-se como herege para alcançar os benefícios do “édito”, deveria denunciar os cúmplices. O ónus da justificação ficava com o acusado. Essa denúncia foi usada por muitos como vingança pessoal contra vizinhos e parentes, para eliminar rivais nos negócios ou no comércio. A fim de se adiantarem a uma denúncia de outros, muitas pessoas prestavam falso testemunho contra si mesmas e denunciavam outras. Em Castela, na década de 1480, diz-se que mais 1500 vítimas foram queimadas na estaca em consequência de falso testemunho, muitas delas sem identificar a origem da acusação contra elas. Reservava-se a pena de morte, aplicada pelo braço secular (o Estado) basicamente para os hereges não arrependidos, e para os que haviam recaído após conversão nominal ao catolicismo.”

3 A Inquisição, pg. 46. (<https://portalconservador.com/livros/Michael-Baigent-A-Inquisicao.pdf>)

A íntima ligação entre a Igreja e a sociedade política perduraria, de forma pendular até meados do século XVII.

O *Acto Geral de Vestefália* de 24 de Outubro de 1648, englobando o Tratado de Münster e Osnabrück que punha fim à sangrenta Guerra dos Trinta Anos que dilacerara os estados alemães, o Hispano-Holandês que findava a Guerra do Oitenta Anos entre a coroa espanhola e as Províncias Unidas e o dos Pirinéus finalizando a guerra que opusera a França à Espanha, tornou-se um marco nas relações entre o Estado e a Igreja Romana que, desde 1517, se vinha dividindo entre católicos, luteranos e calvinistas. A Paz de Vestefália assinada entre o Imperador Fernando III do Sacro Império Romano-Germânico e os demais príncipes alemães, a França, a Suécia, a Espanha e as Províncias Unidas (Holanda) pôs, por um lado, fim aos conflitos que eclodiam por toda a Europa central, mas deu, por outro lado, início à secularização do Estado, ao reconhecer aos príncipes o direito de optarem por qualquer religião cristã, o que culminaria na emancipação da cultura, do direito, da política e da filosofia da tutela eclesiástica.

O termo “*secularização*” surge com um sentido jurídico após a Paz de Vestefália, significando a transferência de bens eclesiásticos e outros rendimentos monásticos para a sociedade civil. No sentido cultural, surge no final do século passado significando a emancipação da cultura, economia, arte, política, direito, filosofia, da tutela eclesiástica. “O Estado Moderno nasce desta secularização, enquanto constituição autónoma da esfera civil a partir da unidade político-religiosa”<sup>4</sup>. Mas só depois de 1945 o conceito de secularização passou a ser aplicado para interpretar globalmente a formação da Modernidade. Nesta acepção cultural, o termo secularização indica, de um lado, o processo de

emancipação do mundo moderno da tutela do cristianismo e da Igreja (momento de descontinuidade), mas, de outro lado, remete para a contribuição do cristianismo para a formação do mundo moderno e para a permanência de impulsos cristãos na sociedade moderna (momento de continuidade)<sup>5</sup>.

Influências residuais cristãs no Estado permanecem, no entanto, até ao Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII em Dezembro de 1961 e que termina em Dezembro de 1965 já sob o papado de Paulo VI, concílio que procede à radical separação entre o poder político e a Igreja, quando afirma que nenhum partido político ou Estado pode ser considerado eleito da Igreja.

Passemos a abordar o Islão.

O Islão, desde o início configurado como um elemento altamente perturbador quer da Igreja quer do império bizantino, é uma entidade geopolítica com catorze séculos de História e geradora de uma civilização específica. Segunda religião em número de praticantes, surgiu em 622, ano em que Maomé, refugiado em Medina, formou a “Umma”, comunidade regida por um pacto religioso, político e militar.

Nesta particularidade de fusão do poder temporal, militar e espiritual ser fundido residiu o impulso para a expansão árabe para Leste e Oeste a partir de Meca, cidade comercial situada no cruzamento das rotas de caravanas, e que em 629 será tomada por Maomé.

Em menos de 100 anos estendeu-se para Leste até à Índia, à custa do império persa, enquanto para Oeste controlou o Egipto, tendo

4 PEREIRA, Miguel Batista, *Modernidade e Tempo, Para uma leitura do Discurso Moderno*, Coimbra: Minerva, 1990.

5 GIBELLINI, Rosino, *A teologia do século XX*, 2ª ed., São Paulo: Ed. Loyola, 2002, pg. 37.

tomado Alexandria em 643, ultrapassou a forte resistência berbere no Magrebe, atravessou o estreito de Gibraltar em 711, para, três anos depois, ultrapassar os Pirinéus. Se a aventura em terra dos Francos terminou junto de Poitiers, vinte anos após terem derrotado a monarquia visigótica, a sua presença na Península Ibérica manter-se-ia durante 781 anos.

O processo histórico determinou o declínio árabe-muçulmano e a humilhação exercida pela colonização ocidental, mas o Islão na sua versão fundamentalista voltou a renascer como actor da cena internacional após o fracasso do nacionalismo árabe.

Sem preocupações de ordem cronológica podemos situar as origens do nacionalismo árabe no Egipto após a queda da monarquia. Nasser, na década de cinquenta, arvorando-se em novo Saladino, inculcou no povo egípcio e nos povos dos países árabes acabados de sair do colonialismo, um espírito nacionalista e a ideia de uma República Árabe Unida. Nascia no conjunto do povo árabe uma nova e generalizada esperança. Mas a derrota sofrida em 1967, na Guerra dos Seis Dias, afastou o nacionalismo como força mobilizadora das massas e deu lugar à única alternativa possível: a religião.

Soara a hora do Islão. A ideia foi germinando a partir dos anos setenta, alimentada por regimes cuja sustentação é garantida através da violência, da corrupção, dos atentados aos direitos humanos, da exclusão da vida política da grande maioria da população e da proibição de toda a oposição. Estes regimes de exclusão têm um efeito paralisante sobre a sociedade a todos os níveis (social, económico e cultural), conduzindo a crises sociais que afectam a juventude, especialmente a escolarizada, no acesso ao emprego.

Este tipo de nacionalismo que se alimenta do ódio contra esses regimes de exclusão social, é marcado pela vontade em afastar do poder os responsáveis pela falência dos projectos sociais, arvorando-se em continuadores da luta contra o neo-colonialismo. Desenvolvendo-se nas sociedades mais secularizadas e mais avançadas na via da modernização, representa em grande medida a frustração de não alcançar os níveis civilizacionais do Ocidente, que lhe haviam sido prometidos.

Nos países árabe-muçulmanos, o grande problema consiste mais na incapacidade de generalizar as vantagens do progresso e menos a identidade religiosa ou cultural associada à preservação dos valores do passado. Assim, o fundamentalismo islâmico surge como um fenómeno novo que, ao invés de se constituir como uma recusa de modernidade, reflecte o impasse de uma modernidade inalcançada.

O Conselho da OTAN, ao decidir reorientar o dispositivo em função de uma ameaça proveniente do Sul, identificou os países árabes como ameaça.

A opinião pública associa o termo islamismo ao fanatismo e a imagens dos reféns no Iraque e na Síria, a uma comunidade atada a crenças religiosas retrógradas, recusando interpretá-las face à realidade actual, impondo à mulher um estatuto inferior, mas também ao fundamentalismo que procura a tomada do poder por partidos islâmicos e rejeita a separação entre o poder político e religioso. Cada vez mais, é ainda associado ao terrorismo, que não é um elemento específico do fenómeno religioso.

A utilização do termo “fundamentalismo islâmico”, com forte conotação negativa, é utilizado em documentos da OTAN significando movimentos religiosos que pretendem organizar o

estado segundo a lei islâmica, apodando-o de radical quando estes usam a violência para se imporem.

Mas recusar separar religião e política não é privilégio do fundamentalismo islâmico, constituindo fenómeno comum de todas as religiões ao longo do processo histórico.

Citando o Prof. Bichara Khader, tanto os islamitas como os anti-islamitas reconhecem que o islamismo tem funções de ordem política e social que extravasam o religioso, sendo “refúgio de identidade de sociedades desestruturadas por uma modernidade não assimilada, instrumento de mobilização pelas forças sociais que só tem direito de expressão no espaço protegido da mesquita; trampolim para aqueles que querem tomar o poder”. O que se torna hoje significativo não é a descoberta da dimensão política do Islão, mas a possibilidade de transformação do fundamentalismo, de corrente minoritária numa corrente maioritária ou hegemónica.

Parece lícito concluir que o fundamentalismo não se configura como uma pretensão de regresso ao religioso, mas como uma ideologia social, ou melhor ainda, de forças sociais que pretendem fazer do Islão o elemento principal da conquista do poder, sendo uma “manipulação do religioso”.

Não há unanimidade relativamente à ou às respostas à pergunta sobre as razões que levam quadros e elites culturais ou de cultura superior das sociedades árabes mais modernas a escolher como quadro de referência o vocabulário da religião e da tradição.

Tal poderá dever-se ao carácter dogmático ou à resistência das estruturas tradicionais, ou de outra forma, à recusa da modernidade por essas sociedades devido ao fracasso dos modelos económicos, políticos e culturais importados do Ocidente. Uma outra

justificação apresenta o desejo de modernidade e de alcançar os níveis do Ocidente, procurando um futuro que lhe é negado por elites corruptas que se auto-perpetuam no poder, buscando o enriquecimento pessoal em detrimento do progresso, afastando-os da possibilidade de participação da coisa pública. A terceira justificação é partidária de que o fenómeno se deve à criação do estado de Israel e à sua consolidação, mau grado as guerras que lhe foram movidas pelos países árabes e que se traduziram em derrotas em 1948 e 1967, afectando o moral do povo árabe. Humilhação mitigada pela guerra do Yom-Kipur em 1973 que, embora saldando-se por uma nova derrota do conjunto árabe, terminou com o mito de um Israel invulnerável.

E quais as atitudes ocidentais perante os países que professam o Islão? Foram divididos em dois grupos.

Passemos a uma breve súmula de alguns dos regimes apoiados pelos EUA e pelos países europeus, o chamado Ocidente, e dos regimes vigentes nos países seus inimigos, à data em que foram destruídos pelo Ocidente, com o conseqüente retorno à barbárie.

Nos apoiados pelo Ocidente, quer se trate de uma monarquia constitucional, de um regime republicano ou de uma monarquia absoluta, assiste-se a uma permanente violação dos direitos humanos, a uma brutal desigualdade social, caracterizada por uma larga percentagem da população vivendo abaixo do limiar da pobreza a par de uma casta de privilegiados, onde a regra geral corresponde à proibição total ou a uma participação simbólica de partidos da oposição.

A Mauritânia é hoje uma república com uma situação política aparentemente estabilizada, onde o poder é exercido de forma autoritária pelo Presidente da República.

O Reino de Marrocos, embora uma monarquia constitucional, ao longo dos trinta e oito anos de reinado do falecido Hassan II, caracterizou-se por alianças com o Ocidente durante a Guerra Fria, e por um absolutismo intransigente.

Duas organizações islâmicas se perfilam na sua cena política, a “Reforma e Unidade” e a “Equidade e Dom Próprio” estando a primeira, desde 1967, representada no Parlamento. No entanto, a reforma constitucional de 1996, introduzindo a regionalização e a participação da oposição no governo, iniciaram um reforço das bases do estado de direito e da prática democrática, além da adopção de uma política de desenvolvimento no respeito pelos direitos humanos.

A Tunísia é uma república em que o partido do Presidente é maioritário no Parlamento.

No que respeita ao Médio Oriente, a Arábia Saudita, centro da fé islâmica, é uma monarquia hereditária, onde não estão autorizados o Parlamento e os partidos políticos, que pretende assumir-se como potência regional. A sua postura pró-Occidental provoca acções desestabilizadoras por parte dos religiosos, existindo quatro movimentos de oposição, que não pretendem derrubar o regime, mas terminar com a presença ocidental. Alguns deles não hesitam em recorrer, directa ou indirectamente, à violência terrorista. Fazendo um exercício de memória, convém lembrar que os terroristas que despenharam aviões sobre as Torres Gémeas eram naturais da Arábia Saudita. Tanto a legitimidade do Estado como o sistema judicial estão baseados na Charia, tal. Um quarto da população activa é estrangeira, existindo um sistema de subsídios que torna os naturais do país avessos ao trabalho.

A Jordânia é uma monarquia, dispondo de um Parlamento com

poderes limitados, sendo 12 dos 80 lugares ocupados pela Frente de Acção Islâmica. A Constituição autoriza políticas diferentes da Charia, mas esta é aplicada pelo Supremo Tribunal.

Omã é uma monarquia absoluta onde o sistema judicial aplica a Charia, base de toda a legislação. Apoiá incondicionalmente o povo Palestino.

Os Emiratos Árabes Unidos são monarquias absolutas. Dentro de cada Emirato os sistemas de governo e judicial aplicam a Charia, embora não tão rigidamente como nos outros países Islâmicos. Mantêm contenciosos fronteiriços com a Arábia Saudita.

O Qatar é uma monarquia tradicional com concentração total de poderes no Emir. O poder judicial aplica a Charia nos assuntos de família, propriedade, sucessões e ética islâmica.

O Kuwait é um mini-estado, onde os membros da família Al-Sabah ocupam todos os lugares do poder. É uma monarquia absoluta, onde estão proibidos os partidos políticos não tendo a mulher direito a voto. O sistema legislativo é partilhado pelo Emir e pela Assembleia Nacional e o sistema judicial é influenciado pela lei islâmica. Tem liberdade de imprensa inclusive para os fundamentalistas, sendo o sistema mais aberto do Golfo, apesar destas limitações democráticas.

Passemos a uma breve sùmula de alguns dos regimes vigentes nos países que vieram a ser destruídos pelos EUA e seus aliados ocidentais.

Como denominador comum a todos eles ressalta a secularização do estado neles anteriormente promovida.



A Líbia desenvolveu, após a independência, uma ideologia baseada numa concepção de democracia popular, em que os partidos políticos foram substituídos pelo Congresso do Povo e pelos comités populares. Esteve isolada internacionalmente devido ao apoio a alguns actos e movimentos terroristas, com destaque para o atentado contra o avião da Pan-Am despenhado sobre Lockerby, em 21 de Dezembro de 1988. No entanto, nesse mesmo ano, haviam sido retomadas as relações com a Espanha, praticamente congeladas desde 1994, e com a Itália de Berlusconi, num acordo que condenava o terrorismo e encerrava o contencioso sobre a expulsão de colonos italianos em 1970, cujo regresso à Líbia foi autorizado.

O Iraque era uma república em que o Conselho da Revolução elegia o Presidente. A Assembleia Nacional constituída por 250 membros mandatados por 4 anos, tinha somente poderes consultivos e não legislativos. O sistema judicial separava os assuntos civis dos religiosos. Tinha contenciosos com o Irão na zona do Chat-el-Arab e com a Turquia pela partilha da água dos rios Tigre e Eufrates. Até à sua destruição pelos países ocidentais, o país agonizou devido ao bloqueio americano e, segundo a Unicef, em 1996 morreram 54 mil crianças devido à fome e doença, tendo a taxa de mortalidade infantil duplicado em consequência do embargo.

A Síria é uma república do tipo socialista, em que o poder legislativo está no Conselho do Povo, composto por 195 membros eleitos por mandatos de 4 anos. Além das pretensões sobre o controlo do Líbano tem relações tensas com a Turquia devido ao controlo da água do Eufrates e pelo apoio que presta ao povo curdo. Com Israel tem o litígio dos Montes Golã, ocupados ilegalmente

desde a Guerra dos Seis Dias e cuja devolução pretende.

Embora, Israel pareça disposto a devolvê-los, sendo apontada como sua intenção oculta, o isolamento dos Palestínianos de forma a recusar-lhes o direito a dispor de uma de Pátria. O Presidente governa a partir de uma coligação de partidos de esquerda, sendo o Baath o principal partido. O poder na Síria é dominado pelos alauitas, um clã que se afirma de raízes cristãs. Entre a oposição ao regime, destaca-se o grupo dos “Irmãos Muçulmanos” que reclamam um estado islâmico e que, sob a designação de “rebeldes”, recebem algum apoio ocidental dissimulado. A sobrevivência do regime deve-se ao apoio da Rússia, sem o qual a sua destruição já teria acontecido, que pretende evitar o controlo das rotas de energia pelo Ocidente e anular o cerco estratégico que os países ocidentais lhe tentam montar.

As diversas interpretações sobre a legitimidade do poder explicam as várias formas de Estado: a monarquia na Arábia Saudita e Marrocos, o regime clerical no Irão, o militar no Paquistão e o “proletário” no caso na Líbia até à Primavera Árabe.

Também as opções sobre o sistema de consulta aos governados divergem. Maioritariamente, é entendido que o poder deve consultar os sábios religiosos de forma a garantir a observância dos princípios islâmicos na governação do Estado. Sendo eles o garante da aplicação da lei islâmica, a Charia, compete-lhes, em exclusivo, a satisfação das necessidades espirituais.

Uma perspectiva minoritária, assumida por uma parte dos Chiitas, entende que a melhor forma de garantir a aplicação da Charia é fazer coincidir o poder executivo com o que vela pela aplicação

da lei. É o caso do Irão, que segundo estudiosos do Islão é caso único na história.

A finalizar importa colocar uma derradeira questão: será o terrorismo islâmico inevitável? Considera-se que não, uma vez que o fanatismo não é uma manifestação necessária das crenças religiosas e o integrista não é um elemento dominante do islamismo!

Ainda assim, torna-se imperativo que seja feita a secularização do estado nos países islâmicos. Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, fazendo desaparecer a retaguarda ideológica daqueles que têm vindo a desestabilizar a Europa com os desprezíveis atentados terroristas. Importa, sobretudo, que se generalize a consciencialização da ideia evangélica, tão cara ao escocismo e que, certamente, todas as religiões tomarão como sua:

«O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar: “Ei-lo aqui”, ou então “Ei-lo ali” pois o Reino de Deus está dentro de vós»<sup>6</sup>

Importa.



POR LARYSA KALINICHENKO

<sup>6</sup> Lucas, 17, 20-21.



POR LARYSA KALINICHENKO

BUSCA NO SENTIR

# O HOMEM E O PLANETA TERRA

POR JOÃO DE OLIVEIRA SILVA, 33º

Uma Outra Visão Numa pesquisa que efectuei há algum tempo para um trabalho sobre antropologia e eras geológicas, deparei com um assunto muito pouco divulgado ou abordado nos nossos trabalhos Maçónicos, que apesar de já ser um pouco do meu conhecimento despertou-me agora maior interesse pela relevante ligação com outros estudos esotéricos. Trata-se de Antropologia Gnóstica. Como sabemos as eras geológicas são diferentes das eras históricas, pois não coincidem com estas. As eras geológicas estão divididas em quatro grandes divisões: a Pré-Cambriana, a Paleozoica, a Mesozoica e a Cenozoica. Cada uma destas grandes divisões ou períodos subdividem-se em subperíodos: o Pré-Cambriano com um único período, o Paleozoico com seis períodos, o Mesozoico três períodos e o Cenozoico com dois períodos, encontrando-se presentemente o nosso planeta no período Quaternário que se iniciou acerca de um milhão de anos e perdura até aos dias de hoje.

A Antropologia é uma ciência social recente surgida no século XIX, que tem como objecto o estudo do homem e as implicações e características da sua evolução física, social e cultural. E foi assim nesta pesquisa antropológica e geológica que de novo dei com a Antropologia Gnóstica, matéria que pode ser susceptível de alguma controvérsia como veremos. O nome de Antropologia Gnóstica deriva de *Antropos*, homem, *Logos* estudo e *Gnosis*, saber ou conhecimento. A Antropologia Gnóstica é uma antropologia psico-analítica, que mediante a “psicanálise íntima”, o estudo do

homem através de si mesmo, utilizando as faculdades da inteligência que se encontram latentes à espera do momento de serem despertadas, o antropólogo estuda a origem da vida e do homem. *Oh, homem! Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses* (frase inscrita no Templo de Delfos).

Todo o ser humano é formado por Corpo, Alma e Espírito. O Corpo físico é aquele que conhecemos constituído de matéria física que se alimenta de sólidos, líquidos e gases. A Alma é intermediária entre a matéria e o espírito, e o Espírito é o nosso ser real, o que de mais real existe.

A Antropologia Gnóstica foi teorizada inicialmente por Samael Aun Weor, pseudónimo de Manuel Gómez Rodríguez, escritor, palestrante e filósofo esoterista de origem colombiana, que faleceu com 60 anos de idade em 1977, e que se afirmou como matemático na investigação e exigente na expressão, não gostando de fantasias, e querendo actos e factos concretos e definitivos. Na sua obra “Antropologia Gnóstica” afirmava: *Nós, os antropólogos gnósticos temos sistemas de investigação diferentes, possuímos disciplinas especiais que nos permitem por em actividade certas faculdades latentes no cérebro humano, certos sentidos e percepções completamente desconhecidos pela antropologia materialista. Que a natureza tenha memória é uma conclusão lógica que um dia poderá ser demonstrado. Os ensaios científicos já começaram e em breve as ondas sonoras poderão ser decompostas em imagens as quais serão preceptivas através de telas especiais”.*

O Universo é regido por leis eternas e imutáveis. Tudo no Universo tem um certo período de vida, seja um átomo, uma planta, uma pessoa, um planeta, uma estrela, tudo nasce, vive um determinado período de tempo e depois morre. A eternidade é a 5ª dimensão

em que está o nosso Ser Real, nós estamos na 3ª dimensão onde nada é eterno, tudo tem um fim.

A Antropologia Gnóstica sustenta assim que cada planeta é um ser vivo que produz 7 raças e depois morre. A lua, por exemplo, num passado muito distante foi um planeta fértil que teve as suas sete raças e depois morreu, tendo a sua alma reencarnado no planeta Terra. Assim cada raça produz 7 sub-raças antes da raça se extinguir. Encontramos também aqui a Lei do Sete responsável pela ordem e harmonia do Universo, lei que está presente em todas as manifestações do Universo, desde fenómenos naturais aos estudos e descobertas da Física, Astronomia, Química, Biologia etc. *Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação (Gen. 2-3)*

Na base desta antropologia que se opõe à antropologia materialista e pseudopaleontológica que sustenta, para os antropólogos gnósticos erradamente, que o homem veio do macaco, estão os Registos Akáshicos<sup>1</sup> que reclamam poderes extra-sensoriais para os eleitos, permitindo-lhes penetrar a quarta dimensão – o Tempo, podendo ver passado, presente e futuro. Nos Registos Akáshicos ou Akásha são guardadas as memórias das nossas acções, esperanças, sonhos e particularmente emoções e sensações de todas as nossas vidas, passadas, presentes ou que iremos viver no futuro,

<sup>1</sup> Registos Akáshicos segundo o hinduísmo e algumas correntes místicas são um conjunto de conhecimentos armazenados misticamente no éter que abrange todas as experiências individuais vividas que ocorreram, ocorrem ou ocorrerão no Universo. O registo Akáshico é assim o registo individual de uma alma desde a altura em que deixa o seu ponto de origem até que regresse de novo a ele. Estes registos de dimensão invisível encontram-se entre a zona intermediária dos mundos astral e mental. Akasha é a substância energética da qual toda a vida está formada. Para quem desejar conhecer o seu Registo Pessoal é essencial o recolhimento diário e profundo para atingir o alto nível de união com a alma, recuperar a Divindade, abraçar a sua essência e centralizar-se na Luz do amor de que faz parte (n.t.).

de acordo com as escolhas e acções que fizermos no momento actual, ou seja, onde estão registados os passos do caminho evolutivo do nosso verdadeiro Ser Espiritual.

Segundo esta visão holística (compreender os fenómenos na sua totalidade e globalidade) defendida pelos defensores da Antropologia Gnóstica estaremos hoje em plena 5ª Raça, Ária ou Ariana, expressão que nada tem a ver com o sentido histórico, político e social que lhe foi atribuído.

De forma muito resumida, teremos chegado à 5ª Raça na sequência de um determinismo, em que o planeta Terra terá acolhido a 1ª Raça chamada Protoplasmática ou Polar Protoplasmática por ser a primeira a plasmar a Terra, constituída por criaturas celestes, angelicais e sagradas que tinham o poder de levitar e voar como as nuvens, em que cada indivíduo podia mudar de forma e comunicar por telepatia; a sua constituição física era gelatinosa e etérica, seria mais energia do que matéria. Esta 1ª Raça constituía o que de mais puro há no espírito, a própria Essência Divina. O seu sistema de reprodução era do tipo de divisão celular e no seu interior era visível a semente em gestação, e onde na altura do nascimento o organismo Pai-Mãe dava origem ao filho andrógino. Esta Raça terá vivido na mítica e sagrada Ilha Branca ou de Tule, algures pelas terras do Polo Norte e Gronelândia, e até hoje muitos anjos desta raça Protoplasmática continuam a ajudar o nosso Planeta.

A 2ª Raça é designada de Hiperbórea, formada por homens gigantes (mais ou menos 6 metros de altura) assemelhando-se a vegetais. Constituídos por mais matéria do que na raça anterior, tinham contudo perdido a capacidade levitar, mas ainda assim continuavam a comunicar de forma telepática. A sua pele era um

SALVAÇÃO



POR LARYSA KALINICHENKO

pouco esverdeada e os seus ossos não eram solidificados mas flexíveis mais parecendo músculos. O sistema de reprodução não necessitava de um segundo elemento, tudo se passava num mesmo corpo, a semente formava-se sem uma relação sexual, tal como na reprodução de uma planta. As primeiras sub-raças eram perfeitas, mas com o tempo não se souberam preservar e caíram em involução e degeneração, abandonadas pelos deuses foram destruídas por violentos ciclones e furacões. Esta 2ª Raça terá vivido nas regiões da Ásia, Sibéria e nas margens do lago de Lock Ness na Escócia e ainda na Inglaterra e Irlanda.

Seguiu-se a 3ª Raça dita Lemuriana. Terá existido onde hoje se situa o Oceano Pacífico, compreendendo a Austrália, a ilha de Páscoa, a Costa do Chile, o Camboja juntamente com o Japão e Indochina. Foram gigantes tal como na raça anterior com 4 ou 5 metros, braços e pernas mais compridos e orelhas tão grandes que chegavam aos ombros. Possuíam o poder da vontade, e podiam modificar o corpo de acordo com a dimensão da tarefa, com a vontade podiam modificar o braço para, por exemplo, agarrar um tronco de árvore ou pesos mais elevados. Os seus olhos estavam muito separados, a sua visão permitia cobrir 360° tendo adquirido na sua evolução um olho no meio da testa, ficando assim conhecidos como os Ciclopes da mitologia. Com este olho podiam abarcar as várias dimensões do Universo. Consta que o homem de hoje dispõe de uma glândula pineal (glândula endócrina localizada perto do centro do cérebro entre os dois hemisférios) resultado da transformação milenar por atrofia do olho central dos lemurianos.

A Bíblia em diversas passagens fala dos gigantes da Terra: *Naquele tempo havia gigantes na terra... Eram esses os famosos heróis dos tempos remotos (Gen. 6-4)* e *“A terra que atravessamos para a ex-*

*plorar é terra que devora os seus habitantes, e todo o povo que lá vimos é gente de grande estatura. Até lá vimos os gigantes, filhos de Anaque, da raça dos gigantes; e parecíamos gafanhotos diante deles e eles assim nos consideravam. (Num. 13-32.33).* Os MOAIS, as gigantescas estátuas da Ilha de Páscoa terão sido esculpidos pelas últimas sub-raças lemurianas.

Os Lemurianos viam a alma das pessoas que morreram do mesmo modo que vemos em vida, através do olho do Chakra Ajna<sup>2</sup> e dos super-sentidos podiam até enxergar a vida nos outros planetas Estes seres esplêndidos aceitavam a morte com total naturalidade, pois as suas capacidades extrassensoriais, permitiam-lhes esbater as fronteiras da vida e da morte, vivenciando para lá desta. Na raça lemuriana todos os seres eram hermafroditas; foi por volta da 3ª sub-raça que se deu a separação dos sexos, mas mesmo assim o sexo era um ritual sagrado em devoção aos deuses. A procriação era um dever sagrado, assistida pelos mestres da sabedoria, num ritual de Magia Sexual.

Conforme esclarece o antroposofista Dr. Rudolf Steiner (perseguido e assassinado em 1925 juntamente com outros Maçons, Rosa-Cruzes e Teosofistas pelos nacional-socialistas alemães) na sua obra *“Amor Sexual”*: *“Na Lemúria o amor sexual infundiu-se no homem como um acto de transferência de pensamento. Devido a estas primitivas condições todas as expressões desta origem foram de quali-*

<sup>2</sup> O Chakra Ajna ou Frontal, o terceiro olho que é a consciência, encontra-se no espaço frontal entre as sobrancelhas e é o sexto chakra principal entre os sete chakras do corpo humano, de acordo com a tradição hindu. Enquanto os dois olhos de uma pessoa veem o mundo físico passado e presente, o terceiro olho permite visionar ou penetrar o futuro. Os restantes chakras são: o chakra coronário ou Sahashara no topo da cabeça, o chakra laríngeo ou Vishuddha na garganta, o chakra cardíaco ou Anahata no peito, o chakra umbilical (plexo solar) ou Manipura no abdómen, o chakra sacral ou Swadhisthana na pélvis e o chakra básico ou Muladhara na espinha dorsal (n.t.).

*dade mais pura e nobre. Tudo aquilo que tomou um carácter inferior e desagradável deve-se a épocas posteriores, depois que o homem se independentizou e arruinou a pureza primitiva de seus desejos. Naquele tempo existiam intercâmbios sexuais por motivos simplesmente egoístas. A procriação era considerada um dever sagrado, um serviço que o homem devia ao mundo. Os sacerdotes assistiam e regulavam todo o relacionamento com a mesma”.*

As últimas sub-raças lemurianas involuíram e degeneraram assustadoramente, conhecendo os prazeres materiais e deixando de praticar a magia sexual, os seus descendentes tornaram-se animais monstruosos nascidos do pecado. Entretanto esta raça acabou por ser destruída por grandes cataclismos da natureza. Com o afundamento do Continente MU ou Lemúria no Pacífico, destruído por gigantescos terremotos acompanhados de vendavais, tempestades e erupções vulcânicas, as terras foram afundando e toda a civilização foi morrendo agonizada pelo sofrimento e fome.

Com o afundamento do Continente MU nas águas do Pacífico novas terras elevaram-se no oceano Atlântico, surgindo então a 4ª Raça que habitou o nosso planeta, a Atlante, que se formaria com uns poucos sobreviventes da Lemúria. A raça Atlante habitou no nosso planeta um enorme continente com imensas ilhas chamado Atlântida ou Poseidon, localizado no oceano Atlântico que herdou o seu nome. Foi uma civilização super evoluída muito superior à nossa Toda a mais avançada tecnologia que conhecemos hoje em dia não se aproxima daquelas que os Atlantes possuíam, pois na altura já conheciam e usavam a energia nuclear. Durante toda a sua longa existência construíram um poderoso império mais desenvolvido que a nossa raça actual, para além de conheceram os segredos da longevidade podendo viver centenas de anos com

boa saúde, pois conheciam e dominavam a Energia Vital contida nas sementes. Teriam pele vermelha e também uma grande estatura, 3 a 5 metros de altura.

Segundo os Registos Akáshicos a ideia dos Jogos Olímpicos continuada pelos gregos, terá tido a sua origem na Atlântida, onde o desporto seria praticado como forma superior de respeito, disciplina e amor. Esta 4ª raça também se desenvolveu em sete sub-raças como as demais.

A Atlântida foi submersa, qual castigo do Criador pela degeneração da raça, involução e abuso do sexo. Enquanto uns continentes se afundavam outros novos surgiam deixando Atlântida submersa no fundo do oceano com as suas riquezas. Antes, porém, da destruição total, o sábio Manu Vayvas Wata, conhecido na 6 bíblia como Noé, terá reunido selectivamente o povo que escapou à destruição, servindo de semente à formação da actual 5ª Raça Ária.

Nos registos de um antiquíssimo templo budista em Lhasa, no Tibete, pode ser visto e lido uma inscrição Caldaica com mais de 2000 anos a.C., que diz: *Quando a estrela de Baal caiu sobre o lugar onde agora é só mar e céu – a Atlântida – as sete cidades com suas portas de ouro e seus templos transparentes tremeram e balançaram como as folhas de uma árvore na tempestade ... Eles procuraram refúgio em seus templos e cidadelas, e o sábio Um, o herético sacerdote de RaMu, levantou-se e disse-lhes ... Vocês morrerão juntos com os vossos escravos e riquezas materiais e das cinzas surgirão novas nações, (trata-se aqui da nossa actual civilização).*

A 5ª Raça que existe presentemente tem assim a sua origem no grande dilúvio, abrangendo os povos dos cinco continentes tal



como hoje os conhecemos. Esta raça que já deu ao mundo homens geniais, desde Leonardo da Vinci, Galileu Galilei até Thomas Edison e Albert Einstein, entre muitos outros, estará em processo de involução degenerando-se assustadoramente, pois hoje em dia não existe mais o amor consciente, caminhando assim inevitavelmente para a destruição.

Das 7 sub-raças desta 5ª Raça, não teremos ainda atingido a 7ª e final, que será constituída pelos sobreviventes de um novo cataclismo. Por curiosidade, a 1ª sub-raça floresceu na Ásia Central, reinos desaparecido no Himalaia e Tibete, a 2ª sub-raça floresceu na Índia e todo o sul da Ásia, a 3ª sub-raça corresponde às poderosas civilizações da Babilónia, Caldeia e Egipto, a 4ª sub-raça corresponde à antiguidade clássica da Grécia e Roma; a 5ª sub-raça à anglo-teuto-saxónica abrangendo o período da Primeira e Segunda Guerra Mundiais; a 6ª sub-raça é aquela em que vivemos actualmente, e onde nos Estados Unidos todas as raças do mundo se mesclaram para formarem esta 6ª sub-raça com muita dificuldade. A 7ª sub-raça ainda não existe mas será formada pelos sobreviventes do novo cataclismo que dentro de pouco tempo irá destruir a Raça Ária que será destruída para que se cumpram as profecias feitas por Ra-Um na submersa Atlântida: *Se eles se esqueceram que devem ser superiores não pelo que adquirem mas pelo que dão, a mesma sorte lhes tocará.*

O caso de separação de casais por falta de amor consciente, as crianças que muitas vezes já não nascem por amor, mas por falha dos métodos para evitá-las, os infinitos casos de crianças abandonadas jogadas no lixo ou assassinadas em abortos são alguns dos casos. Os cinco sentidos estão a atrofiar-se actualmente 7 devido ao contínuo abuso sexual, pois a energia sexual é a mais

poderosa de todas e a mais atirada fora como se fosse lixo.

A Raça Ária evoluiu e degenerou de forma assustadora com guerras, anarquias, prostituição, crimes, assassinatos, poluição, miséria, doenças, mentira, egoísmo, adoração do dinheiro, desrespeito pelos velhos, fanatismo etc. A Raça Ária em lugar de evoluir involuiu, e a sua corrupção é agora maior que a dos Atlantes na sua época. Em resumo, a Raça Ária é da pior espécie, é a degeneração total. Aqui neste ponto deixo uma questão: Que futuro podemos então esperar desta raça sem princípios morais? Os registos Akáshicos mostram que os Atlantes foram destruídos de surpresa, e assim também irá ocorrer com a raça Ária.

Melquizedeque, o Sacerdote de Deus Altíssimo<sup>3</sup> (Gen. 14-18) personagem bíblico que interagiu com Abraão, fez em determinada altura no Tibete a seguinte profecia: *Os homens, ou melhor dizendo os mamíferos nacionais, cada vez mais se esquecerão das suas almas para se ocuparem apenas com os seus corpos. A maior corrupção virá a reinar sobre a Terra ... Virão então os inimigos de Deus e do Espírito Divino, os quais jazem nos próprios homens. Aqueles que levantem a mão sobre outro perecerão também, e os esquecidos e os perseguidos erguer-se-ão depois e atrairão a atenção do mundo inteiro. Haverá espessas obscuridades, tempestades horríveis, montanhas sem vegetação. A Terra toda estremecerá, milhões de homens trocarão as cadeias da escravidão e humilhação pela fome, a peste e a morte ... A Terra toda ficará deserta e até Deus fugirá dela. Sobre a Terra vazia, a noite e a morte... Então eu enviarei um povo desconhecido até agora ... Fundarão uma nova vida sobre a Terra purificada pela morte das Nações.*

<sup>3</sup> Melquizedeque não teve descendência nem ascendência por isso a História atribui-lhe características divinas sobre-humanas. No Novo Testamento chega a ser comparado a Jesus como na Epístola aos Hebreus. Melquizedeque é venerado no Cristianismo e o dia da sua festa é comemorado pela Igreja Católica (n.t.).

A 6ª Raça chamar-se-á a Raça Koradi e será de cor morena clara formada pelos poucos escolhidos e habitará a Terra depois de modificada. Será o retorno à Idade do Ouro, os mil anos de Luz citados na Bíblia. Os deliciosos tempos de Arcádia com rios de leite e mel. Os escolhidos ou eleitos serão aqueles de absoluta Consciência em quem o Ego foi definitivamente aniquilado, pois se ainda tiver algum Ego não lhe será dado corpo. E aquele que embora tendo trabalhado não tivesse ainda dissolvido a totalidade do Ego poderá encontrar um desenvolvimento favorável em outros mundos do espaço.

Quanto à 7ª Raça pouco se sabe hoje, nada foi ainda revelado, porém, será a última que povoará o planeta Terra antes da sua morte e de se transformar numa nova Lua. Após implacável processo seletivo pela Natureza, assistiremos ao nascimento do Anjo-Homem.

Sobre os mistérios desta 7ª Raça, escreve Samael Aun Weor no seu livro “Os Mistérios dos Maias”: *Os deuses da natureza trabalham imenso para criarem seres auto-conscientes. Os deuses tiveram de fazer experimentações nos laboratórios da Natureza, embora seja bom saber que a luta dos deuses para criar o homem ainda não terminou. Todavia o ser humano, o chamado homem, tem de renunciar a muito ou estará nos jardins zoológicos do futuro. O reino de Malkut é um filtro terrível. O resíduo desse filtro é o comum e corrente e este leva o homem ao abismo (...). A natureza é implacável e o nascimento de um Anjo-Homem custa milhões de vítimas ...*

*Muitos serão os chamados mas poucos serão os escolhidos (Mat. 22-14). Aqueles que sustentam que o homem veio do macaco estão totalmente equivocados. Na realidade é o macaco que veio do homem. A transformação das espécies e as evoluções darwinistas são falsas.*

*Ninguém viu nascer uma nova espécie. Realmente todas as espécies viventes são excepcionais ou exceções e algumas poucas resíduos viventes do reino humano. O homem actual descende dos gigantes anti-diluvianos. Toda a Raça tem 7 sub-raças. A semente e nossa raça Ariana é nórdica, mas ao mesclar-se com os sobreviventes Atlantes deu origem às sub-raças do tronco Ário.*

Portanto, segundo os defensores da Antropologia Gnóstica é o macaco que descende do homem, o que põe em causa todas as outras teorias, inclusivamente as teorias Darwinianas aceites pela generalidade. Todas as espécies que vivem, viveram ou viverão serão absolutas exceções e excepcionais no processo interminável da vida e morte dos planetas.

Esta nova Antropologia é o objectivo específico de pesquisa e estudo que propõe a Associação Gnóstica Samael Aun Weor, fundada em Roma, Itália, no ano de 1999; estudar o homem através de si mesmo utilizando as faculdades da ciência que aguardam o momento para serem despertadas, e podermos então chegar à fonte do conhecimento original, e à relação desta sabedoria com o homem e com o cosmos.

Mas neste simples resumo que acabamos de apresentar, cabe agora colocar as questões fundamentais e procurar encontrar as respostas adequadas. Afinal onde está a Verdade? De onde viemos? Quem somos? Por que existimos? Para onde iremos? Coloco aqui estas questões e deixo a procura das respostas para todos aqueles que tiveram a paciência para me escutar durante a leitura deste trabalho, e aprofundarem e pesquisarem mais sobre os todos estes assuntos de antropologia, e particularmente sobre estes aspectos esotéricos.



POR LARYSA KALINICHENKO

ENTRE LÁ E CÁ

# JUSTIÇA FISCAL

POR PAULO JOSÉ ROCHA

Abordar a questão atinente à “Justiça Fiscal” encerra, desde logo, diversos problemas que neste breve balaústre não se conseguirão, evidentemente, dilucidar. De resto, este é e será sempre, estamos convictos, um tema inacabado e, sobretudo, em permanente transmutação.

Até porque, a própria noção ou afloramento a um qualquer conceito de justiça não só é distinto de indivíduo para indivíduo num mesmo período temporal, como igualmente, mesmo o conceito amplo ou aberto de justiça (enquanto padrão aceite pela generalidade da sociedade) se vai transformando ao longo do tempo, em virtude das próprias dinâmicas que essa mesma sociedade vai, consciente ou inconscientemente, construindo, fazendo da ideia de justiça, um conceito de geometria sempre variável.

Não obstante, deixando de lado hipotéticas descrições funcionais agregáveis à ideia de justiça, afigura-se possível assentar, de forma mais ou menos genericamente aceite, que a noção de justiça passará pela combinação de um acervo de princípios a ser recebidos pelos ordenamentos jurídicos, cujo acatamento pela sociedade permitirá escrutinar e aferir da legitimidade e bondade intrínseca dos mesmos.

Como se não bastasse a dificuldade de delimitar um conceito uno de justiça, tal dificuldade vê-se exponenciada quando congregada com a sua aplicação à fiscalidade.

Desde logo, importa notar que a arrecadação de impostos é uma das mais antigas e basilares funções subjacentes à organização de qualquer Estado, sendo que, historicamente, a cobrança de tributos não estava sequer associada a qualquer ideia de justiça, mas antes a uma pura expressão de força opressiva e impositiva exercida por imperadores, reis ou outros “senhores” sobre as populações, sendo o Império Romano um claro exemplo dessa musculada realidade em que assentava a coleta tributária.

Necessariamente, a sociedade e a noção de justiça no que (também) à tributação dos seus membros diz respeito, foi conhecendo assinaláveis progressos, abandonando-se uma ideia de estrito exercício do poder por via do temor, para dar início ao que tem sido uma longa caminhada em que a ideia de justiça vem recuperando e ocupando um terreno no qual originalmente apenas a pura imposição tinha lugar cativo.

Assim, na maioria das sociedades contemporâneas e na portuguesa em particular, a qual tem por base este breve apontamento, foi-se forjando, ao longo dos anos e com especial enfoque nos últimos trinta anos, uma noção de justiça fiscal mais atuante e substantiva, no sentido de permitir, entre Estado coletor e cidadão pagador, a mitigação de um enorme fosso favorável ao sujeito ativo da relação jurídico-tributária.

Devem destacar-se, a este propósito, as regras e princípios cons-

titucionais acolhidos pela Constituição da República Portuguesa (CRP), os quais, no entanto, servem como base enformadora de uma necessária densificação legislativa ao nível do direito tributário, no qual se desenrola uma sempre difícil correlação de forças entre o Estado e o contribuinte.

Assim, no seu artigo 106º, a CRP postula que o sistema fiscal português visa a satisfação das necessidades financeiras do Estado e uma repartição justa dos rendimentos e da sua riqueza.

Resultam do aludido normativo duas ideias-base e bastante distintas, a primeira das quais, não muito distinta da conceção de arrecadação de receita tributária dos primórdios da história, isto é, assente no puro uso da força e do poder sobre os cidadãos, tinha por finalidade, de uma maneira ou de outra, acorrer às necessidades financeiras do Estados, fossem ela de origem bélica ou outras à época existentes e hoje porventura menos compreensíveis.

Certo é que, independentemente da diferente origem das necessidades financeiras dos Estados, o essencial da finalidade em que assenta a tributação permanece relativamente imutável.

No entanto, a segunda ideia plasmada no texto constitucional, a que supra nos referimos, encerra já uma verdadeira inovação ou revolução, quando comparada com a realidade tributária dos primórdios da história em sociedade, uma vez que introduz uma

outra finalidade à arrecadação de impostos, que não passa já apenas pelas necessidades do Estado, mas também por uma ideia de devolução de parte dessa mesma receita aos membros da sociedade.

Ou seja, emerge no âmbito do poder tributário do Estado uma finalidade que visa redistribuir e, por essa via, corrigir eventuais situações de desequilíbrio entre os cidadãos, que a sociedade, por si só, não se mostra apta a debelar.

Ora, esta ideia de devolução e correção dos desequilíbrios sócio-económicos existentes entre os cidadãos é, ao mesmo tempo, um marco importante na evolução do papel do Estado na sociedade, mas encerra igualmente, pelas implicações que tal postura acarreta, um conjunto de exigências (também financeiras) e dificuldades que a mera finalidade de arrecadação de receita para satisfação das necessidades da máquina do Estado tout court (sem propósito de devolução à sociedade) não comportava.

Essa mesma finalidade do papel do Estado na arrecadação de impostos e a sua devolução, introduzida pelo forjar do denominado “Estado Social”, levaram, ao nível da teia legislativa tributária, a que se fosse tecendo, por parte do Estado, uma atitude progressivamente musculada na relação tributária face ao interesse patrimonial dos cidadãos, entendidos como fonte e alvo dessa mesma receita pública.

Esta realidade relativamente recente (com poucas décadas) levou igualmente à necessidade de consagração ao nível constitucional de diversos princípios sobre os quais deve assentar a relação tributária entre Estado e os cidadãos.

De entre estes princípios, pela sua relevância, não podemos deixar de destacar os relativos à igualdade, à legalidade e à capacidade contributiva.

Pela sua premência e umbilicalidade com a ideia de igualdade, o princípio da capacidade contributiva tem por base a conformação dos impostos aos índices económico-financeiros demonstrados pelos cidadãos, índices esses que passam, necessariamente, pela perscrutação quanto à realidade patrimonial, de consumo e de rendimentos.

Ora, este princípio funciona assim, não só como pressuposto, mas também como fronteira ou limite ao poder do Estado de arrecadar impostos.

Para tal, foram emergindo um conjunto de medidas legislativas que têm por propósito equilibrar, na medida do que se tem entendido por possível, a correlação de forças entre Estado e cidadão no domínio tributário, sendo que tais medidas passam também pelas denominadas garantias dos contribuintes.



POR LARYSA KALINICHENKO

ANDALA SOLAR E FERTILIDADE



FOR LARYSA KALINICHENKO

TU E EU

# QUE LUGAR É ESTE

POR LUÍS MACARA

Que lugar é este

Onde a claridade velada do templo  
Projecta os sete lanços da escada sagrada  
Onde reina um silêncio dominador?

Que lugar é este

De pedras delicadas  
Destinadas a assolar os desertos interiores  
Como se eu de outra pessoa me tratasse?

Que lugar é este

De equinócios rigorosos e imutáveis  
Situados na vastidão sideral do universo  
Onde se perpetuam as forças inspiradoras da ciência  
e da reflexão?

Que lugar é este

Que atravessa uma mata de acácias floridas  
Entre sinais que se enunciam e que não recuso  
A par de uma grande tranquilidade iniciadora?

Que lugar é este

Onde existe uma grande casa de pedra submersa  
Avassalada pelas marés e pela corrosão  
Onde se guardam segredos de metal e argila?  
Que lugar é este

Edificado numa cordilheira de brumas tranquilas  
Sobre um grande mar de bronze  
Por onde se entra por uma porta de zimbro?



Que lugar é este

Velho lugar da minha infância  
Onde no Verão me deitava na palha da eira  
Olhando maravilhado o firmamento insondável e infinito?

Que lugar é este  
De lírios espalhados pelo chão de vidro  
Com um patamar de acesso a duas colunas sólidas  
De metal resplandecente cobertas de azebre e de memória?

Que lugar é este

Rua de Lisboa onde nasci sobre sete lençóis de linho  
Numa Europa de sangue e holocaustos inúteis  
Junto ao grande rio silenciado por trevas densas?

Que lugar é este

De paredes povoadas de líquenes gravados no lioz  
Estendendo o deserto por um corredor sombrio  
Com portas de areia fechadas nos ângulos mortos da casa?

Que lugar é este

Carregado de flores na terra removida e perfumada  
Demarcado por três sombras efémeras que transportam  
Num cometa de gelo os segredos contidos em três mortes várias?

Que lugar é este?



POR LARYSA KALINICHENKO

A MÃE NATUREZA

# SILÊNCIO

POR PEDRO TAVARES, 9º

Faz lembrar um escuro frio em entreabertas portas  
É como um momento de pausa no fulgor do dia  
Sabemos que existe  
Mas fugimos dele, como de praga se tratasse  
Lepra decadente  
Sabemos que está presente  
em mudas palavras  
em olhares tropos  
O sussurro do silêncio não se ouve  
como o sopro de um fustigado vento  
Não se faz anunciar em abertas parangonas de ásperas melodias  
Nem tão pouco se mede pelas medidas cubicas  
O volume do silêncio  
Pode parecer cheio de nada  
Pode assemelhar-se ao perímetro  
de um qualquer quadrado redundante  
Mas sempre que surge serena  
Apazigua a emoção

Esbarra o faminto impulso de línguas soltas  
Silêncio não é inóspito  
Não é inócuo  
É antes de mais semente  
É gérmen que procura semeio  
Em terra cuidada  
Em alma profícua de afinçada razão  
Mas e porque sempre o homem dita um desnudado mas  
Pode porém ser ignorado ou torturado pelo ímpeto  
Silêncio é castigado pela famigerada soberba falante dos ouvintes  
É pobre no atributo de outros  
É pequenez interpretada  
É sempre  
Ou quase sempre  
Porque também nestas estórias existe os quase  
É império de fraqueza  
Engano  
Melhor enganos

E destes enganos como de outros  
 Está cheio o mundo  
 E os nossos também  
 Enganos  
 Como aquele que lembra as linhas de história passada de 1488  
 De caravela aprumada Bartolomeu não viu nem encontrou o sisu-  
 do Adamastor  
 E Boa Esperança sorriu pela ignorância  
 Como aquele que também lembra Colombo de 1492  
 Chegado à falsa Índia  
 Índia em terras de América  
 E são estes como outros impropérios enganosos  
 que nos lembram  
 E que nos obrigam  
 À prudência  
 À reflexão perante um silêncio  
 De um qualquer faminto silêncio  
 Sim porque muitos dos silêncios  
 São famintos

São pedintes  
 Que de ouvido esticado como de uma mão se tratasse  
 Procuram escutar  
 Exigem resposta  
 Anseiam sapiência  
 É atitude quase perversa pela premeditação do espírito  
 É ele pressuposto do pensamento  
 É ele irmão da reflexão  
 Silêncio não é passivo  
 Silêncio é caminho  
 É um caminho para apreender  
 É forma activa de actuar  
 Porque silêncio  
 Escuta  
 Reflecte  
 E guia  
 Silêncio é alimento não do corpo mas  
 da Alma que do fundo emerge e nos sobressalta com a Razão



POR LARYSA KALINICHENKO

PENSAMENTOS POSITIVOS

# UM DIA N'A HORA DO DIABO

POR NUNO SANTOS SILVA, 33º

Uma noite, diferente das dos outros dias,

Uma mulher, diferente dos outros Homens,

Dançou sobre o Mundo.

Passos... diferentes dos outros passos,

O mundo... diferente dos outros mundos,

A música... a música era como uma suave brisa, que de vez em quando levantava um véu, muito fino, e permitia-lhe ver, com olhos que são diferentes dos outros olhos, segredos... segredos eternos por desvendar...

O mundo não é tudo, Deus não é tudo, o Diabo não é tudo...

O mundo não é o que pensas, Deus não é quem pensas, o Diabo não é como o pintas...

O mundo é o teu mundo, o Deus é o teu Deus, o Diabo... é o Deus que o foi antes do teu agora o ser.

O Diabo é triste porque sabe mais que os Homens, porque sabe

que há mundos acima do seu mundo, porque sabe que há Sóis acima do seu Sol...

Sabe mas não os vê, sabe mas apenas se recorda deles, apenas recorda ouvir falar deles em contos de sua infância, contados pelo seu Pai a si e a seu irmão.

O seu irmão, Deus, já não se lembra dessas histórias. A tal ponto que nem se lembra de seu Pai, de sua infância, e de como, agora, é Deus. Para ele, sempre foi assim, e não há ninguém antes de si, muito menos o seu irmão mais novo, o Diabo.

Mas Deus, por vezes, ouve as vozes do passado – de um tempo em que não havia futuro, por não existir presente – desperta do seu torpor e pergunta a seu irmão:

“- Lembras-te de quem fui?...”

Mas Deus enfurece-se sempre que se lhe diz que é apenas mais um.

Só mais um.

O próprio Filho é mais que ele:

Descobriu que a música, que embala esta dança, existe porque Deus a toca, mas este não se lembra que não foi ele que a compôs... nem a escuta sequer, porque é surdo e só se ouve a si mesmo.

Deus e o Diabo esperam. São eternas esperas pelas esferas de suas infâncias.

Eternamente resignados, esperam que seu Pai os resgate à tarefa de ser Deus e o Diabo.

Só os Homens... os Homens que forem diferentes dos outros Homens, poderão esperar ser um dia – um dia diferente dos outros dias – também eles Deus, Diabo, Filho de Deus, infância de Deus e do Diabo, mais que Deus, mais que Diabo...

A manhã do mundo sucedia ao dia do sonho, o véu era agora mais pesado que a música que os embalava...

Foi assim, dançando sobre o mundo, que despertou de um sonho em que escutava e dançava uma música triste, mas que lhe contava uma esperança:

A de, num futuro sem futuro nem passado, também ela chamar alguém para dançar sobre o mundo.

*“Sou o eterno Diferente, o eterno Adiado, o Supérfluo do Abismo. Fiquei fora da Criação. Sou o Deus dos mundos que foram antes do Mundo. (...) A verdade, porém, é que não existo – nem eu, nem outra coisa qualquer. Todo este universo, e todos os outros universos, com os seus diversos criadores e seus diversos Satãs, são vácuos dentro do vácuo, nada que giram, satélites, na órbita inútil de coisa nenhuma.”*

Fernando Pessoa, in “A Hora do Diabo”



POB LARYSA KALINICHENKO

HARMONIA



DOMINIQUE JARDIN E CLAUDE GAGNE  
**AUX SOURCES DU REAA**

LE CAHIER DE LOGE DU VÉNÉRABLE TARADE,  
 MANUSCRIT TÉMOIN DE LA VIE MAÇONNIQUE  
 DE 1761 À 1776

PARIS: DERVY ED., 2017

A publicação do manuscrito Tarade (1761-1776), até agora inédito, oferece ao maçom do século XXI um documento de reflexão e de estudo excepcional e responde ao desejo actual de descobrir e estudar os antigos rituais.

Transcrito integralmente e enriquecido com comentários, traça a vida da loja parisiense Saint Théodore de la Sincérité e dá um quadro completo dos graus praticados durante um período-chave da História da Maçonaria, quando as diferentes obediências se estabeleciam. Aqui se descrevem oito rituais de altos graus, por vezes numa versão arcaizante, mas apaixonantes para o estudo da sua criação e da formação do que viria a ser o REAA, para o qual constituem uma fonte fecunda.

Claude Gagne reuniu, ao longo de uma vida maçónica bem preenchida, vários manuscritos que doou aos arquivos do Supremo Conselho de França. É autor de vários artigos sobre história e iconografia da franco-maçonaria.

Dominique Jardin, doutorado em História e Ciências religiosas (2008) com uma tese sobre os rituais, os painéis de loja e a construção da tradição maçónica e a sua contextualização no movimento das ideias do século XVIII: Emprunts opératifs, religieux et

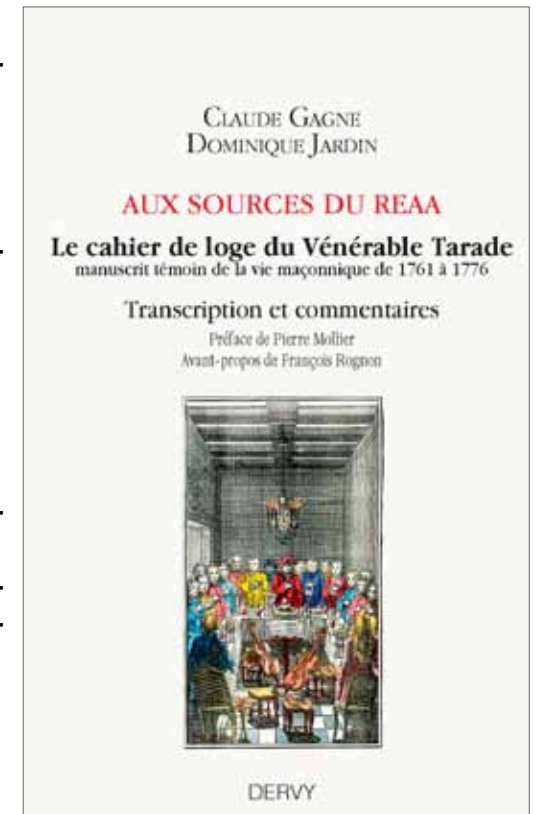
ésotériques dans les rituels et l'iconographie des tableaux de loge des systèmes français à hauts grades au XVIII<sup>e</sup> siècle: Contribution à l'étude de la construction de la tradition maçonnique.

Entre as suas obras, destacam-se, ainda, *Voyages dans les Tableaux de Loge: Histoire et symboles* (2011), e *Le temple ésotérique des francs-maçons* (2012), que lhe valeram o «Prix spécial» do 10<sup>o</sup> salão do Livro Maçónico de Paris de 2012. Em 2014 viria a publicar *La tradition des francs-maçons. Histoire et transmission initiatique*, obra em que tenta responder a três questões:

– Existe ou não um conteúdo “tradicional” e, em caso afirmativo, é ele transmissível? E de que modo?

Este conteúdo é totalmente intangível, apenas transmissível pelos iniciados e desvelado através da iluminação, quando estes iniciados “recebem a Luz”?

Não será este conteúdo uma muleta imaginária e instrumental do trabalho colectivo no sentido de uma permanente construção e reconstrução?



JEAN-JACQUES GABUT

## ORIGINES ET FONDEMENTS SPIRITUELS ET SOCIOLOGIQUES DE LA MAÇONNERIE ÉCOSSAISE

PARIS: DERVY ED., 2017

As origens do Rito Escocês Antigo e Aceite no século XVIII não podem ser dissociadas da História de França e do Ocidente. Para os franco-maçons dessa época, como para a maior parte dos seus contemporâneos, a espiritualidade era essencialmente religiosa. Era teísta, deísta, panteísta, mas raramente atea ou agnóstica.

O Grande «Arquiteto do Universo» representava, então, o «Deus» das religiões ou, para os filósofos, o «Deus» de uma «religião natural» susceptível de unir todos os humanos.

O surgimento dos Altos Graus, a partir da primeira metade do século XVIII, introduziu nos rituais maçônicos novas fontes de espiritualidade, à margem das religiões oficiais: misticismo, hermetismo, gnosticismo, cabala, rosacrucianismo, templarismo..., sem que a existência de um «Arquiteto do Universo» seja contestada.

Assim, a espiritualidade do REAA foi sendo elaborada a partir do esoterismo que sobrevivera das antigas tradições, tendo por base as narrações bíblicas.

Jean-Jacques Gabut é jornalista, licenciado em Letras e Filosofia, foi director do grupo «Le Progrès», animador de várias instituições humanitárias e filantrópicas, é grão-mestre honoris causa da Grande Loge de France e titular do grau 33º do REAA.

Entre as suas várias publicações destacam-se:

*Église, religions et franc-maçonnerie*, Sayat: Éditions de Borée, 1998 e Paris: Dervy Ed., 2010;

*Les survivances chevaleresques dans la franc-maçonnerie du Rite écossais ancien et accepté*, Paris: Dervy Ed., 2004;

*Le Message hermétique des imagiers du Moyen-Age*, Paris: Dervy Ed., 2013



MICHAEL RAPP

## L'ÉSOTÉRISME DE LÉONARD DE VINCI

PARIS: ED. BUSSIÈRE, 2017

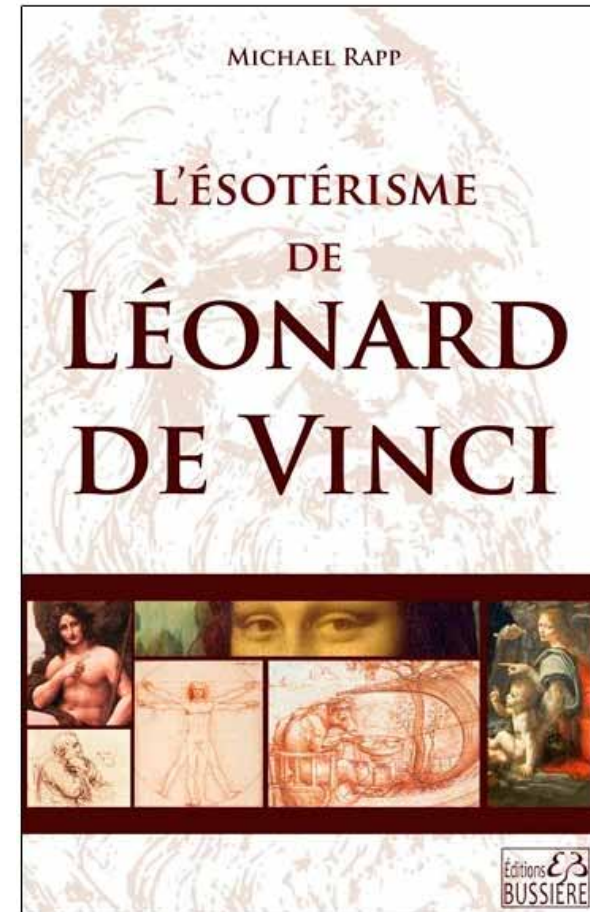
Leonardo da Vinci é o arquétipo do gênio absoluto, a ilustração magnífica daquilo que o espírito humano pode realizar quando é levado à quinta essência das suas capacidades. Pintor, arquiteto, sábio, criador de maquinismos, médico anatomista, simultaneamente próximo dos poderosos do seu tempo e séculos adiantado em relação aos seus contemporâneos, ele iluminou a história dos homens com o seu gênio.

Mas quem poderá pensar que um espírito que atingiu tão alto nível se tenha contentado em construir utensílios sem se interrogar sobre o mundo?

Quem poderá acreditar que aquele que examinava o interior do corpo humano, as expressões faciais, o voo das aves e o curso das estrelas se desinteressasse do mundo e dos seus segredos?

Leonardo desenvolveu necessariamente uma certa concepção do mundo. E exprimiu-a sob uma forma a priori inacessível, mas que se desvela aos que se dão ao trabalho de a decifrar.

Michael Rapp, Doutor em Direito, antigo advogado e gestor de empresa, é maçom. Apaixonado pela História e pela espiritualidade consagrou muitos anos e pesquisas e de reflexão para os seus trabalhos.

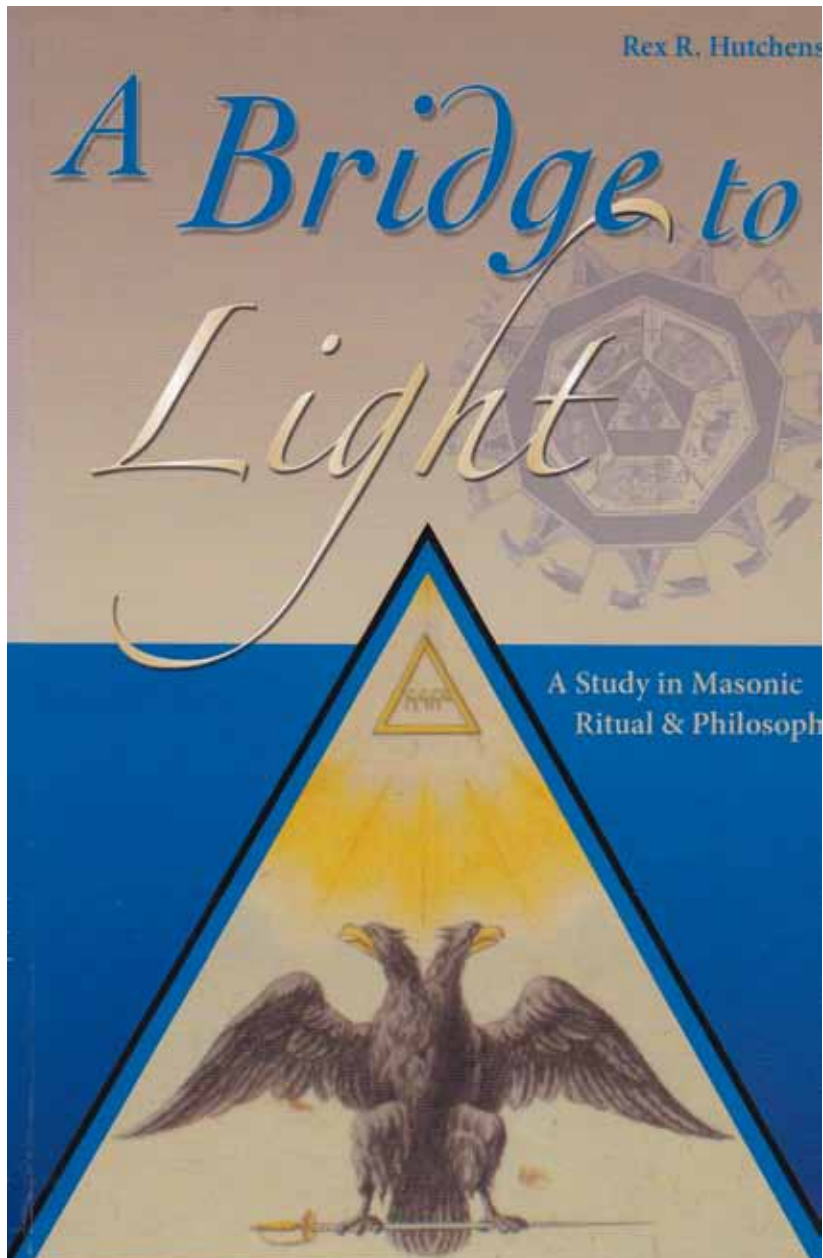


De entre eles destacam-se:

*Les héritiers de la lumière : une nouvelle histoire de la spiritualité*, Paris: Ed. Bussière, 2016;

*Franc-maçonnerie et religion*, Paris: Ed. Bussière, 2017;

*Les officiers de la loge*, Paris: Ed. Bussière, 2017;



REX R. HUTCHENS

## A BRIDGE TO LIGHT:

A STUDY IN MASONIC RITUAL & PHILOSOPHY,

4<sup>A</sup> ED., WASHINGTON D.C.:  
THE SUPREME COUNCIL, 33<sup>o</sup>, 2010

*A Bridge to Light*, uma introdução aos graus e simbolismo do REAA, exprime as opiniões do Dr. Rex R. Hutchens, 33<sup>o</sup>, relativamente aos Rituais do Rito Escocês Antigo e Aceite e ao Moral and Dogma de Albert Pike, não representando uma perspectiva oficial ou dogmática para a Maçonaria em geral ou para o REAA por parte do Supremo Conselho, Jurisdição Sul, dos EUA.

Trata-se, no entanto, de uma obra encorajadora da leitura e do estudo da obra de Albert Pike, *Moral and Dogma*, que, por sua vez, deve ser entendida à luz do Prefácio que o Supremo Conselho lhe vem introduzindo desde a sua 1<sup>a</sup> edição, em 1871, no qual ressalta a ideia de que o REAA utiliza a expressão “Dogma” na sua verdadeira acepção de doutrina ou ensinamento, sem qualquer conotação de dogmatismo no sentido odioso do termo.

A sua importância e aceitação reflecte-se no facto de, desde a sua 1<sup>a</sup> edição, em Dezembro de 1988, ter sido objecto de mais três edições e seis reimpressões, num total de 205.000 exemplares.

Outras obras do autor editadas pelo Supremo Conselho, Jurisdição Sul:

- *The Bible in Albert Pike's Morals and Dogma*, 1992;
- *Pillars of Wisdom: The Writings of Albert Pike*, 1995
- *A Glossary to Morals and Dogma*, 1993.

ISABEL FONSECA

## DA LUZ ÀS LUZES:

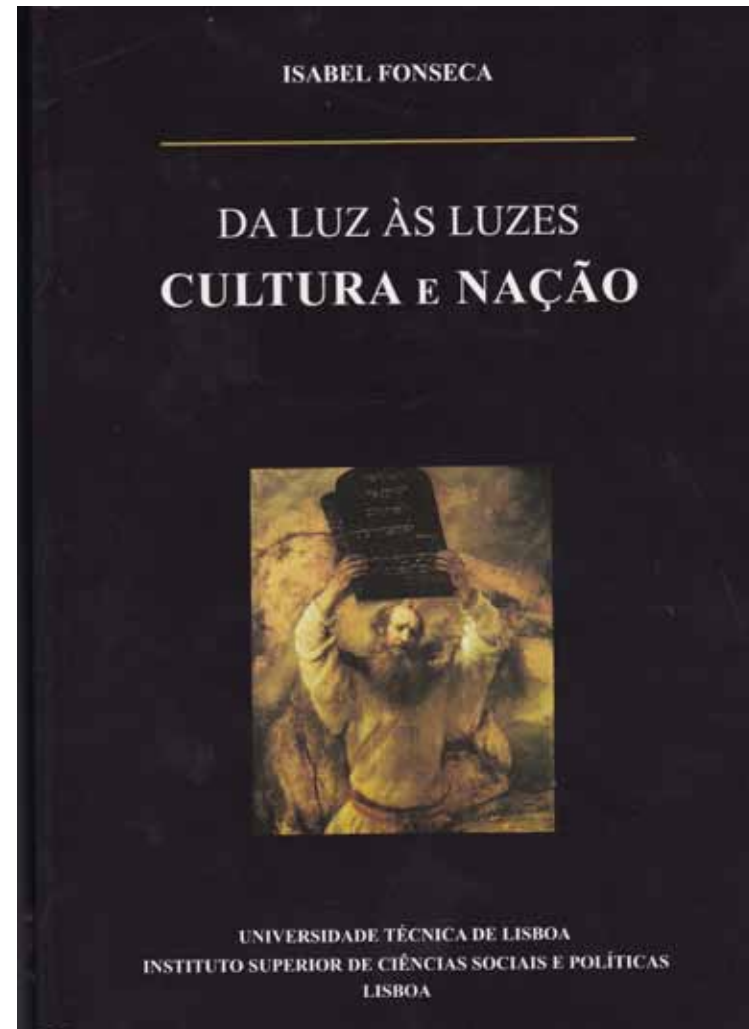
CULTURA E NAÇÃO

LISBOA: UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA, 2001

A Nação deve ser entendida, na história da civilização ocidental, no âmbito do desenrolar do desenvolvimento político, pois que contém toda uma antecedência histórica, política e cultural que acompanhou a par o Estado em movimento, ao oferecer-lhe a coesão, a estabilidade e continuidade como “projecto para o futuro”.

Instrumento do estado, a eficácia da Nação advém-lhe do discurso artificioso que usa e lhe permite ocultar ou dissimular o poder da mediação osimbólica que, através dos ritos de diferenciação, faz a segmentarização da sociedade, da estrutura que oculta os canais de comunicação e articulação, impedindo a “reunião” onde reside o poder. Forma de representação e legitimação, capta o consenso difícil de obter, através da ideologia, da burocracia, da comunicação, inseridas numa cultura organizacional.

Ao preservar a ordem como direito sagrado, a Nação, fonte de soberania do estado, entidade jurídico-política, revela a presença do passado. Assim, atendeu-se à evolução filosófica, histórica e antropológica da cultura política, até ao ambiente que faz eclodir o Iluminismo, o contexto donde saiu a nação, convertida na legitimação do Estado do novo regime, organização do poder para as novas circunstâncias,



Isabel Maria da Graça Carvalho Lourenço Fonseca era licenciada em Ciências Antropológicas e Etnológicas e mestre em Relações Internacionais pelo ISCP da Universidade Técnica de Lisboa, onde foi professora.

THIERRY MAGNIN

## PENSER L'HUMAIN AU TEMPS DE L'HOMME AUGMENTÉ:

FACE AUX DÉFIS DU TRANSHUMANISME,

PARIS: ALBIN MICHEL, 2017

O progresso fulgurante das biotecnologias, combinado com a revolução das tecnologias de informação, permitem antever um futuro radicalmente diferente para a humanidade.

Poderá o “homem cibernético”, o homem “transhumano”, “salvar o homem” ou, pelo contrário, deve suscitar-nos as maiores inquietudes? Através da crítica dos argumentos transhumanistas, baseados numa concepção empobrecida do que nos torna humanos, Thierry Magnin convida-nos a lançar um novo olhar sobre a nossa humilde condição. Em que se transforma o homem, quando, brevemente, pudermos substituir todos os seus órgãos por máquinas inteligentes, ou mesmo transferir o seu psiquismo? Pode a antropologia cristã ajudar-nos a abordar com confiança a revolução anunciada, de modo a que nos abra perspectivas, não de abandono do humano, mas da sua plena realização?

Biografia do autor:

Thierry Magnin, ordenado presbítero em 1985, é doutor em Ciências Psíquicas e em Teologia e, desde 2011, reitor da Universidade

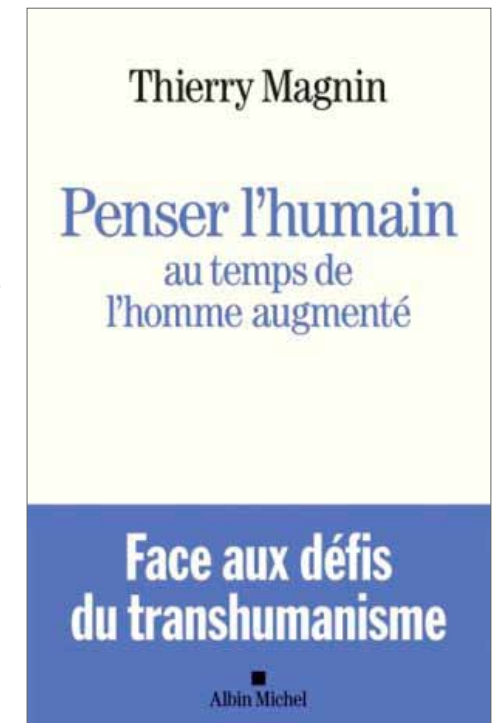
Católica de Lyon. A sua dupla formação científica e teológica permite-lhe ter um olhar especial sobre o tema do transhumanismo.

Catherine Henne, jornalista au Monde, écrit : “Thierry Magnin s’inquiète de ce courant qui « nie l’humain » en cherchant à éradiquer toute marque de contingence. Loin d’être technophobe, il salue les récents progrès en génie génétique destinés à traiter des maladies comme le cancer. Mais lorsque ces techniques visent à programmer et améliorer les capacités – notamment héréditaires – de personnes en parfaite santé, l’enjeu est tout autre. L’homme peut-il devenir le « designer de sa propre évolution » ?

### OUTRAS PUBLICAÇÕES

*Le scientifique et le théologien en quête d’Origine: L’expérience de l’incomplétude*, Paris: Ed. Desclée de Brouwer, 2015

*Les nouvelles biotechnologies en questions*, Paris: Ed. Salvator, 2013





33

DEUS MEUMQUE JUS